


Revista Adventista

Revista Mensal - Ano 74 - Nº 801 - €1,90

Fevereiro 2014



O que diz a **Bíblia** sobre os dinossauros?

ALGUMAS PESSOAS ACREDITAM QUE OS DINOSSAUROS APARECERAM COMO RESULTADO DA MALDIÇÃO APÓS O PECADO DE ADÃO E EVA.



O dom orientador

Deus dirige o Seu povo através do dom de profecia.

16



Internatos Adventistas

Porque existem Internatos nas nossas escolas?

23



Amarás o teu inimigo

Porque devemos amar os nossos inimigos?

26

12 de
ABRIL
de 2014

PROJETO
ESPERANÇA 2014

Participe
na distribuição nacional
do livro missionário!



o **meio** mais
simples e **eficaz** de
anunciar que o Criador
e Redentor está prestes
a **regressar.**



UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
RUA ACÁCIO PAIVA, 35 | 1000-004 LISBOA

Fale com o Coordenador
da sua igreja local.

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

editorial

SAÚDE E TEMPERANÇA

06

Evangelismo pela mensagem da saúde

Conheça algumas das iniciativas do plano de ação para 2014 do Departamento de Saúde e Temperança.

EDUCAÇÃO ADVENTISTA

20

Educar para a eternidade

Como Cristãos, não podemos senão desejar uma educação de boa qualidade para os nossos filhos.

ESPAÇO JOVEM

31

Nasce uma estrela

EDITORIAL

04 Deus, o Criador

05 Memo

ARTIGO DE FUNDO

08 O que diz a Bíblia sobre os dinossauros?

Algumas pessoas acreditam que os dinossauros apareceram como resultado da maldição após o pecado de Adão e Eva.

INTERPRETANDO AS ESCRITURAS

13 Aboliu Cristo a Lei na Cruz?

O que foi abolido na Cruz?

ESPÍRITO DE PROFECIA

16 O dom orientador

Os Adventistas do Sétimo Dia creem que Deus dirigiu o estabelecimento dos seus primeiros ministérios mais importantes através das visões e dos sonhos de Ellen G. White.

18 Notícias Internacionais

19 Notícias Nacionais

EDUCAÇÃO ADVENTISTA

23 Internatos Adventistas

Os Internatos Adventistas são lugares de equilibrado crescimento espiritual, mental, físico, social e emocional e também de transmissão de valores.

BÍBLIA

26 Amarás o teu inimigo

Este ensino de Cristo tem suscitado as mais díspares reações entre os leitores do Evangelho de Mateus.

DEVOCIONAL

32 Viagem ao Lago Titicaca

Era o Sábado realmente a melhor altura para fazerem uma visita?

REFLEXÃO

35 Tão culpado como o pecado

Cada um de nós, crente ou ateu, é tão culpado como o pecado.



Deus, o Criador

"Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco abaixo de Deus o fizeste; de glória e de honra o coroaste" (Salmo 8:3-5).

"No princípio criou Deus os céus e a terra" (Gênesis 1:1). Deus é o Criador de todas as coisas. O Salmo 90 diz-nos que o Senhor é o Criador de tudo. Ele criou os mundos e sustenta-os pela Sua palavra e pelo Seu poder. Ao criar o Éden, Deus colocou nele o Homem e tornou-o responsável por tudo o que ali acontecesse. A Criação é o princípio da revelação de Deus aos homens. O Salmo 19:1 diz: "Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos." Esta evidência é tão importante e tão forte que o apóstolo Paulo considerou indesculpáveis aqueles que rejeitam e negam a existência e a soberania de Deus. Ele escreveu: "Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis" (Romanos 1:20). Também o Salmista desejou partilhar a sua total convicção sobre o poder criador de Deus: "Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam" (Salmo 24:1). Através do profeta Isaías, Deus coloca algumas perguntas, para logo explicar: "A quem me assemelhareis, e com quem me igualareis e me comparareis, para que sejamos semelhantes? Lembrai-vos das coisas

passadas desde a antiguidade; que eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim" (Isaías 46:5, 9). Entretanto, também o Novo Testamento amplia a nossa visão do Deus criador através da pessoa de Jesus Cristo. Apesar do Antigo Testamento falar amplamente de Cristo como Criador, é o Novo Testamento que fala d'Ele detalhadamente como Criador de todas as coisas (João 1:1-3; Hebreus 1:2, 10). Jesus deixou-nos afirmações claras sobre a Criação; por exemplo, quando disse que o Sábado foi feito por causa do Homem (Marcos 2:27 e 28), ou quando mencionou o próprio relato da Criação: "Desde o princípio da criação, Deus os fez homem e mulher. Por isso, deixará o homem a seu pai e a sua mãe e, com sua mulher, serão os dois uma só carne" (Marcos 10:6-8). Através do texto de Colossenses 1:15, Paulo diz-nos que Jesus "é a imagem do Deus invisível". Jesus é a imagem do Deus que nos criou e nos salvou. O versículo 16 começa e termina com a declaração de que todas as coisas foram criadas por Ele e através d'Ele. Oro para que nos firmemos na decisão de aceitar Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo como um só Criador e Mantenedor de todas as coisas. A Bíblia é a única fonte que apresenta, com inquestionável clareza, Quem é Deus. Possamos nós experimentar a alegria da Criação, e, mais do que isso, adorar o Criador. Afinal, "só tu és Senhor; tu fizeste o céu, o céu dos céus, e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto neles há, e tu os guardas com vida a todos; e o exército dos céus te adora (Neemias 9:6)."

• Pr. António Rodrigues, presidente da UPASD

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

fevereiro

02	Encontro Nacional de Líderes
08-15	Semana Especial da Família
14-16	Encontro Nacional dos Ministérios da Criança
09	Encontro de Anciãos R.E. Lisboa
16	Formação de Instrução Religiosa por R.E.
16	Encontro de Anciãos R.E. Norte
23	Encontro de Anciãos R.E. Centro
28/02- -04/03	Congresso Nacional de Jovens

março

01	Dia Internacional de Oração da Mulher
03-09	Formação para Pastores - Paulo Benini
09	Encontro de Anciãos R.E. Alentejo e Algarve
15-22	Semana de Oração JA
15	Dia Global da Juventude
23	Encontro de Reflexão sobre Liberdade Religiosa
23	Formação sobre Saúde R.E. Alentejo e Algarve
30	Formação sobre Saúde R.E. Lisboa

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

fevereiro

03-07	Escritórios da ADRA (EUD)
10-14	Faculdade Marienhöhe (EUD)
17-21	União Italiana (IU)
25-28	Seminário Teológico Bogenhofen (AU)

março

03-07	União Franco-Belga (FBU)
10-14	Associação da Moldávia (RU)
17-21	Centro de Multimédia <i>Stimme der Hoffnung</i> (EUD)
24-28	União Austríaca (AU)
31/03- -04/04	Seminário Teológico Sazava (CSU)

MENSAGEM DE DEUS

de José Carlos Ramos

O presente livro procura transmitir uma visão abrangente da natureza e da função das profecias bíblicas. A sua tese é que a profecia e o Evangelho estão indissolu-



velmente unidos, pois Cristo não é apenas o centro do Evangelho, Ele é também a razão de ser da profecia. Para o autor, "Cristo é tanto o agente como o teor, o princípio e o fim, o Autor e o Consumador da profecia" (p. 6). Assim, José Carlos Ramos vai procurar expor o modo como devemos entender as profecias bíblicas, tendo como horizonte

a mensagem cristã. O autor deste livro começa por apresentar dois tipos de profecia bíblica: a profecia clássica e a profecia apocalíptica. Tendo feito isto, ele passa a expor as características peculiares das três grandes escolas de interpretação da profecia apocalíptica, definindo o que caracteriza o Idealismo, o Preterismo e o Historicismo. Apresenta, então, o valor acrescentado trazido pelo Historicismo ao estudo das profecias apocalípticas, fazendo notar que esta é a escola de interpretação seguida pelos primeiros Cristãos, pelos Reformadores e pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. É neste quadro que José Carlos Ramos aborda e justifica o princípio dia/ano, pois este é uma das pedras fundamentais da interpretação historicista. Apresentada a escola historicista, o autor desenvolve as características da revelação de Jesus condensada nas Sagradas Escrituras e apresenta os sete grandes atos de Deus na história da Humanidade, mostrando a relação destes com a revelação profética. É também sublinhada a importância do estudo das profecias para a preparação do Cristão que vive no tempo do fim. Finalmente, este livro termina com dois importantes capítulos. O primeiro deles é dedicado a expor a caracterização profética do livro de Daniel e o segundo procura mostrar as características proféticas do livro de Apocalipse. O livro de José Carlos Ramos apresenta ainda uma pequena bibliografia de títulos em Português e Inglês, que pode ser útil ao leitor que de-sejar aprofundar o seu estudo sobre as profecias bíblicas. Para terminarmos esta recessão, resta-nos fazer notar que o valor deste pequeno livro de 128 páginas reside no facto de ele oferecer uma introdução abrangente ao fenómeno da profecia bíblica. A sua leitura possibilitará uma melhor compreensão das secções proféticas da Bíblia. ✨

Paulo Lima, Redator da Revista Adventista

ANTENA 1 RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 18h
ANTENA 1, a partir das 22h47

- 03/02 (segunda-feira)
- 26/02 (quarta-feira)
- 10/03 (segunda-feira)

CAMINHOS

RTP2, às 09h
ANTENA 1, a partir das 06h

- 30/03 (domingo)

Evangelismo pela mensagem da saúde

“É motivo de regozijo ver a Igreja Adventista Mundial mobilizar-se para a evangelização, pondo a ênfase nas grandes cidades. Este regozijo redobra ao constatar que, pertinente e significativamente, nesta época de grande sofrimento e de preocupação pela saúde e pelo bem-estar, os nossos líderes mundiais se estão a valer do 'braço direito do Evangelho' (esta 'mais-valia' da Igreja Remanescente) para a proclamação da 'Verdade Presente', a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14. A fim de que haja uma maior identificação e um maior envolvimento das igrejas, em geral, e de cada membro, em particular –, a começar pelo exemplo pessoal na vivência dessa 'mais-valia' concedida ao Povo de Deus –, peço ao Departamento de Saúde e Temperança da UPASD que forneça todas as informações possíveis sobre em que consiste e como se desenrolará a execução deste Plano de Ação.”

A pergunta e o pedido que nos são feitos são pertinentes porque, de facto, a Igreja mundial tem recebido da Conferência Geral indicações muito específicas sobre a ênfase que deve ser dada à saúde no evangelizar das grandes cidades. Foi criada uma comissão denominada “Comissão dos Ministérios da Saúde Alargados” (*Comprehensive Health Ministry Committee*) para ser liderada pelo conselheiro especial do Presidente, o Pr. Mark Finley, assistido pelo Diretor do Departamento de Saúde e pelo Diretor da Associação Ministerial. A intenção clara é dinamizar, em cada cidade, as igrejas Adventistas para que

funcionem como Centros de Saúde para a comunidade (*Community Health Centers*), de modo a atuarem em conjunto com outros centros de influência, tais como clínicas, restaurantes vegetarianos e salas de tratamento e aconselhamento. Várias iniciativas são promovidas, tais como conferências públicas de saúde, Colportagem, estudo em pequenos grupos, trabalho porta a porta, evangelismo pelos meios de comunicação de massa, evangelismo pessoal e público, trabalho social e muitas outras formas inovadoras, onde o trabalho da saúde aparece sempre lado a lado com a pregação da mensagem dos três

anjos.¹ De facto, os nossos líderes revelam crer em cada palavra redigida pela serva do Senhor quando, em 1902, escreveu: “O trabalho médico-missionário foi-me apresentado como uma cunha de entrada da verdade presente. É por meio deste trabalho que os corações são alcançados, e aqueles que têm preconceitos são suavizados e ganhos. Este é o trabalho que deve ser feito hoje.”²

Em face de tão claras instruções, o Departamento de Saúde está disponível para, também no nosso território, promover esta abordagem e apoiar cada igreja e cada membro que queira fazer a sua parte na obra para este tempo. Deixem-me referir algumas iniciativas do Plano de Ação para este ano, que visa a integração nesta estratégia:

Amigos pela Saúde – Os “Amigos pela Saúde” são a versão portuguesa dos Clubes de Saúde, muito populares em outros países. Este programa consiste na realização de reuniões regulares de educação para a saúde dirigidas à comunidade. Elas podem ter uma periodicidade variável, sendo mensais em alguns lugares, noutros quinzenais, e, noutros ainda, semanais. O importante é que se mantenha a continuidade e se criem relacionamentos de confiança e de proximidade que permitam o crescimento da pessoa em todas as suas dimensões. É através de um programa como este que as igrejas podem, de facto, tornar-se “Centros de Saúde para a Comunidade”. O De-



partamento tem materiais e orientações que podem ajudar as igrejas a implementar este projeto.

Formação Regional de Monitores – Com o propósito de formar membros de igreja e equipas, nas regiões, para os vários programas de saúde a desenvolver localmente, o Departamento levará a efeito uma formação regional em vários tópicos vitais (exs.: depressão, tabagismo, nutrição) e também sobre como implementar o programa “Amigos pela Saúde”. Esta formação visará, sobretudo, os diretores do Departamento de Saúde de cada igreja, que, brevemente, receberão informações mais detalhadas a este respeito.

Material para Pequenos Grupos – A partir do livro *Ciência do Bom Viver*, os irmãos John e Millie Youngberg e o seu filho, o Dr. Wes Youngberg, desenvolveram um excelente material para pequenos grupos, que versa sobre temas relacionados com a saúde, a família, os relacionamentos, a fé e a esperança. Numa iniciativa conjunta

dos Departamentos de Evangelismo, de Família e de Saúde e Temperança, este material está a ser preparado para, em breve, estar disponível na nossa língua. Isto permitirá a cada família convidar os seus amigos e vizinhos para falarem sobre assuntos que dizem respeito a todos e que conduzem à única solução – Jesus Cristo.

Apoio na realização de Expos-Saúde e de Rastreios de Saúde – As Expos e os Rastreios de Saúde são excelentes maneiras de contactar pessoas e iniciar relacionamentos. São um bom espaço para promover os Amigos pela Saúde como a sequência natural da mensagem que uma Expo ou um Rastreio promovem. Desde 2003, a União criou e tem mantido uma estrutura para apoiar as igrejas que querem envolver-se neste tipo de iniciativas.

Formação para Membros e Pastores – Para um ministério mais profícuo, está prevista, neste ano, uma formação mais profunda para membros (03 a 31 de agosto) e para Pastores (20 a 27 de julho). A

nossa mensagem de saúde é de facto muito eficaz e, para melhor a vivermos e promovermos, saber mais será certamente uma mais-valia.

Programas de Estilo de Vida com Internamento – Daniel e os seus companheiros estavam, no final do teste dos dez dias descrito em Daniel 1, com melhor parecer do que os outros jovens que usufruíram do menu do rei. Com esse propósito e para fazer face a problemas de saúde física e mental, terão lugar programas para tratamento da depressão (de 16 a 25 de fevereiro e de 18 a 27 de maio), e terá também lugar o programa NEWSTART® (de 20 a 27 de abril), de carácter mais geral, com indicação para várias enfermidades comuns ou então para melhorar a saúde no seu todo.

De forma resumida, enumerámos atrás algumas das principais intervenções do Plano de Ação do ano corrente, mas, na verdade, na base de todas as iniciativas que envolvem maiores ou menores recursos humanos e materiais está o envolvimento de cada um de nós! Sem esse envolvimento nada se poderá fazer! Se tivermos o espírito certo, poderemos ser utilizados pelo Senhor para realizar uma obra que o Céu aprovará e abençoará! O tempo é curto, Jesus em breve voltará, trabalhemos enquanto podemos. Deixo, em conclusão, este desafio e esta promessa a todos os meus queridos irmãos, incluindo o autor da pergunta que nos foi dirigida: “Não pode haver limite à utilidade de uma pessoa que, pondo de parte o eu, oferece margem à operação do Espírito Santo no seu coração, e vive uma vida inteiramente consagrada a Deus.”³

• **Daniel Bastos**

Diretor do Departamento de Saúde e Temperança da UPASD

1. Sermão proferido pelo Pr. Ted N. C. Wilson no Conselho Anual, em 13 de outubro de 2012.
2. Ellen White, carta 110, escrita em 1902.
3. Ellen White, *Ciência do Bom Viver*, p. 159.

O QUE DIZ A BÍBLIA SOBRE OS DINOSSAUROS?

Algumas pessoas acreditam que os dinossauros apareceram como resultado da maldição após o pecado de Adão e Eva.

Há alguns anos, depois de ter feito uma palestra num auditório cheio de estudantes universitários e de jovens profissionais Adventistas, um pastor aproximou-se de mim e fez-me um pedido: “Por favor, podia falar com a minha mulher e convencê-la de que os dinossauros realmente existiram?”

cia dos dinossauros estava uma luta para compreender o mistério que deixa perplexos uns e fascina outros: como explicar a existência passada e a extinção dos dinossauros, num contexto bíblico?

Infelizmente, esta negação da existência dos dinossauros está mais espalhada do que gostaríamos de admitir, mesmo tendo-se em conta a desenvolvida vertente científica da nossa sociedade, com investigação muito avançada em todos os campos do saber, incluindo a Geologia e a Paleontologia. Estas ciências específicas parecem estar deslocadas nas nossas escolas e Universidades e raramente são tidas em consideração pela juventude Adventista, quando se trata de escolher uma profissão. Enquanto Cristão e paleontólogo, devo enfrentar diariamente o conceito difundido da evolução biológica, envolvendo milhões de anos, e posso compreender que algumas pessoas temam envolver-se numa filosofia que entra em contradição com as Escrituras.

Este pedido não era uma brincadeira. A esposa deste pastor era professora numa escola e recusava-se a ensinar os seus alunos sobre a existência dos dinossauros. Imediatamente percebi que por detrás da sua negação da existên-

No entanto, é possível estudar os fósseis e as rochas sem renunciarmos à nossa fé. Se quisermos apreciar a beleza e o mistério da Criação da Terra e da sua história subsequente, uma boa parte do



nosso sucesso depende do que é transmitido pelos nossos professores e pastores nas nossas escolas e igrejas. Neste artigo, esboço algumas estratégias que permitem a estudantes, professores, pais e pastores pensarem produtivamente acerca do lugar dos dinossauros no interior de um paradigma bíblico e de um modo que tem em conta a nossa fé.

O dinossauro de museu

Se já alguma vez visitou um museu de História Natural, provavelmente já viu alguns esqueletos maciços e espetaculares de dinossauros. Noutros locais, pode ver reproduções animadas de dinossauros, os quais, no caso dos documentários televisivos, parecem estar vivos e de boa saúde. Quando contempla estas animações, o visitante deve ter em conta vários detalhes.

Primeiro que tudo, devemos aceitar que os dinossauros existiram durante um certo período de tempo na Terra e que, em certos locais, eles parecem ter sido numerosos. Os paleontólogos encontraram provas da sua existência em sedimentos presentes em todos os Continentes, incluindo na Antártida. Estas provas incluem ossos, ovos, ninhos e pegadas. Estas pegadas e trilhos são abundantes e não podem ser associadas com qualquer outra criatura, a não ser aquelas a que chamamos hoje “dinossauros”.

Em segundo lugar, devemos ter consciência de que os esqueletos que se veem em museus, por norma, não são formados por ossos verdadeiros, mas réplicas. Os ossos originais são valiosos e delicados de mais para estarem expostos ao público em geral e, por isso, estão normalmente armazenados em locais seguros dentro do museu. Além do mais, os esqueletos “completos” nos museus são frequentemente montados a partir de réplicas de



ossos de vários espécimes, os quais, em certas ocasiões, vêm de lugares muito distantes. Isto não significa que os esqueletos sejam apenas “remendados”. Os paleontólogos são capazes de compor a arquitetura corporal dos dinossauros mesmo se não possuem todos os elementos do esqueleto da mesma criatura, pelo que as réplicas nos museus são razoavelmente merecedoras de confiança. Alguns espécimes quase completos que foram desenterrados, incluindo o *Tyrannosaurus rex*, são exibidos no Museu Field de Chicago, nos EUA. As animações que se veem na televisão, no entanto, são muito mais especulativas, especialmente no que toca à cor da pele, à fisiologia, ao comportamento, e assim por diante.

Os dinossauros desapareceram

Na coluna geológica, os vestígios de dinossauros aparecem em camadas de rochas das eras a que os paleontólogos chamam Triásico, Jurássico e Cretáceo. Estas camadas de rocha sedimentar, empilhadas umas por cima das outras, revelam características específicas, incluindo as características de certas espécies fósseis, tais como moluscos, répteis, peixes, dinossauros e organismos microscópi-

cos (diatomos e algas, entre outros) que, no passado, povoaram os Oceanos. Alguns paleontólogos creem que os dinossauros, bem como outros grupos de animais e plantas, desapareceram subitamente em consequência de um gigantesco impacto de um meteorito há 65 milhões de anos. Outros põem em dúvida este modelo explicativo, invocando várias razões.

A maioria dos cientistas criacionistas crê que os dinossauros desapareceram juntamente com outras espécies durante o Dilúvio mundial descrito no livro de Génesis. Este cenário pode incluir atividade meteorítica que daria origem a tsunamis gigantescos, atividade vulcânica e emissão para a atmosfera de dióxido de carbono, sulfuretos e outros químicos perniciosos para animais e plantas. Portanto, a ideia de que um meteorito teria chocado contra a Terra não é necessariamente incompatível com o modelo bíblico do Dilúvio.

Apesar da falta de consenso entre os cientistas acerca da causa por detrás do desaparecimento dos dinossauros, os meios de comunicação e a imprensa pseudo-científica já decidiram que a teoria do impacto de um meteoro é a úni-

ca explicação válida. De facto, os dinossauros desapareceram, mas não sabemos exatamente quando ou porquê. No entanto, a possibilidade de a sua extinção ter ocorrido durante o Dilúvio relatado em Génesis (com ou sem o impacto associado de um meteorito) pode ser considerada uma hipótese científica plausível e que merece ser tida em conta.

Os dinossauros e os seres humanos

Muito tem sido escrito e debatido sobre certas evidências que, supostamente, apontavam para a associação de vestígios de dinossauros e de seres humanos. Estas supostas evidências incluem o que é interpretado como sendo pegadas humanas junto de pegadas de dinossauros, bem como pinturas pré-históricas em cavernas ou em cerâmica, em que figuras humanas aparecem junto de criaturas excepcionais, muito semelhantes às correntes reconstruções destes répteis gigantes. No entanto, estudos científicos rigorosos mostraram que estas evidências foram mal interpretadas.

Analisemos, por exemplo, as alegadas pegadas “humanas” junto de pegadas de dinossauros descobertas no leito do rio Paluxy, no Texas. Há algumas décadas, alguns cientistas entusiasmados proclamaram que esta era uma prova segura contra a teoria da evolução e a prova da ocorrência de um Dilúvio mundial. Intrigados por estas afirmações, vários cientistas evolucionistas e criacionistas estudaram em detalhe as marcas descobertas na rocha. Naquele lugar específico, o leito do rio e a sua margem têm muitas marcas devidas à erosão pela água. Podemos distinguir entre os verdadeiros trilhos de dinossauros e as pseudomarcas devido às marcas deixadas na rocha pela água

em circulação. Com um pouco de imaginação, podemos decifrar nessas marcas “pegadas” semelhantes às de qualquer outro animal.

Também foram feitos estudos de laboratório. Quando uma pegada é autêntica, podemos esperar ver as camadas de sedimento na rocha comprimidas sob a pegada, devido ao peso do animal. Para testarem esta deformação característica, os cientistas cortaram a pegada transversalmente e observaram que não estava presente a dita deformação. Eles concluíram que a forma da “pegada” não era uma verdadeira pegada humana, mas era o resultado da erosão, feita ou pela Natureza ou por um falsificador humano. Estudos posteriores mostraram que certas “pegadas” e desenhos foram forjados por defensores fanáticos da ideia de coexistência de seres humanos e dinossauros. Este tipo de contrafação pode ser produzida por aqueles que estão cheios de vontade de encontrar apoio para a sua crença na Criação e no Dilúvio. Outros podem fazê-lo apenas para explorar, de algum modo, os crentes ou para fazer dinheiro à sua custa.

Noutras ocasiões, foram os que não acreditam no relato bíblico que se aproveitaram da ingenuidade destes fanáticos para criar falsas provas e, assim, provocar o escárnio e a sua rejeição no mun-

do académico. Falsificar fósseis e outras “provas” prejudica a verdadeira investigação realizada por cientistas criacionistas. A maioria destes investigadores aprendeu a ser cuidadoso quanto à exatidão das suas afirmações.

Os dinossauros e a Bíblia

A história da Criação em Génesis 1 fala-nos de um Deus que criou a vida marinha e as aves no quinto dia e o resto dos animais no sexto dia. Embora os répteis estejam mencionados entre os animais criados, os dinossauros não estão especificamente nomeados. Isto não nos deve surpreender, porque, no tempo de Moisés (o autor do livro de Génesis), a palavra “dinossauro” não existia, nem estava ele sob a obrigação de especificamente os mencionar; ele também não mencionou outros numerosos grupos de animais. Por exemplo, Génesis não menciona os besouros, os tubarões, as estrelas-do-mar, o musgo, as algas ou outros agrupamentos de organismos.

O facto de que, na Bíblia, os dinossauros não são mencionados pelo nome não prova que Deus não os tenha criado; tal como não o prova a sua estranha aparência nas réplicas dos museus. Ainda hoje existem muitos animais de aparência tão estranha quanto a



dos dinossauros. Considere, por exemplo, o diabo-marinho, o ornitorrinco e o canguru – e eles nem chamam assim tanto a atenção. Algumas pessoas acreditam que os dinossauros apareceram como resultado da maldição após o pecado de Adão e Eva, mas a Bíblia não o permite afirmar com certeza, nem identifica explicitamente quais foram os animais modificados como resultado do pecado e que mudanças foram essas.

A maioria dos cientistas criacionistas crê que os dinossauros desapareceram durante ou logo após o Dilúvio narrado em Génesis. Mas, de novo, a Bíblia não nos dá a mais pequena pista sobre o destino desses animais. O facto de que os dinossauros desapareceram durante a catástrofe mundial a que chamamos “Dilúvio” é uma hipótese que deveríamos considerar seriamente, mas apenas através da pesquisa científica, dado o silêncio da Bíblia sobre o assunto. A demonstração dessa hipótese deve provir de dados geológicos e paleontológicos, e não por se forçar a Bíblia a dizer o que ela não diz.

Por último, há pessoas que pensam que os dinossauros sobreviveram ao Dilúvio, mas que desapareceram pouco tempo depois porque não puderam adaptar-se ao novo ambiente. Isto também é uma possibilidade, dado que alguns dinossauros poderiam ter entrado para a Arca, desaparecendo depois durante a colonização que ocorreu após o Dilúvio. A Bíblia menciona duas estranhas criaturas – *Beemoth* (Job 40:15-18) e *Leviatã* (Job 41:1) –, que alguns interpretam como exemplos possíveis de dinossauros pós-diluvianos. No entanto, a maioria dos estudiosos da Bíblia não aceita esta explicação, e as palavras *Beemoth* e *Leviatã* são usualmente traduzidas como “hipopótamo”



e “crocodilo”, respetivamente, e portanto não estão relacionadas com os dinossauros.

Os dinossauros e Ellen White

O termo “dinossauro” foi usado pela primeira vez pelo zoólogo britânico Richard Owen, em 1842, para nomear um grupo de fósseis de répteis então recentemente descobertos. O uso do termo espalhou-se, à medida que ocorreram novas descobertas na Europa e na América no Norte. Na época em que Ellen White escreveu as suas primeiras afirmações sobre a Criação, o Dilúvio, a Ciência e a Fé (em 1864), o termo “dinossauro” já era empregue em livros científicos e em jornais. No entanto, Ellen White nunca usou este termo ou outro similar que se referissem a estes répteis extintos.

Numa breve declaração feita em 1864, ela escreveu: “Todas as espécies que Deus tinha criado foram preservadas na Arca. As espécies confusas que Deus não criou, que eram o resultado de amalgamação, foram destruídas pelo Dilúvio.”¹ Esta tornou-se numa afirmação favorita para alguns Adventistas, que creem que explica a existência de fósseis com características intermédias² e outros organismos extintos, incluindo

do os dinossauros. Muitas pessoas leem nestas palavras de Ellen White a existência do que conhecemos hoje como sendo engenharia genética, indicando que, nos tempos pré-diluvianos, as pessoas praticavam cruzamentos de hibridação, incluindo cruzamentos entre animais e seres humanos, resultando em estranhas formas biológicas híbridas.

No entanto, esta interpretação apresenta vários problemas. O primeiro surge da dificuldade em definir o que Ellen White quis dizer com “amalgamação”. Estudos aprofundados feitos acerca desta afirmação não permitiram alcançar uma resposta definitiva, pelo que temos que concluir que não sabemos o que Ellen White queria dizer com a sua afirmação.

Um segundo problema surge na aplicação da “amalgamação” a casos reais do registo fóssil. Se “amalgamação” significa “híbrido”, como poderíamos reconhecer esses híbridos entre os fósseis ou entre as plantas e os animais dos tempos modernos? Como poderíamos determinar quais as espécies híbridas antes do Dilúvio, se elas existiram de todo? Alguns responderam a esta pergunta, dizendo que as espécies híbridas não sobreviveram ao Dilúvio, precisa-

mente porque Deus não quis que elas sobrevivessem. Mas este tipo de raciocínio é uma falácia, um círculo vicioso, porque o critério que usamos para diferenciar os híbridos (extinção) é precisamente o mesmo que usamos para definir o que gostaríamos de diferenciar (híbridos). Por outras palavras, as “amalgamações” explicam o seu desaparecimento e o seu desaparecimento define o que elas são.

Depois da afirmação já citada, Ellen White prossegue, afirmando que “desde o Dilúvio tem existido amalgamação *de* homem e animal, como se pode ver nas quase intermináveis variedades de espécies de animais”.³ Em primeiro lugar, é importante enfatizar que Ellen White fala-nos de amalgamação *de* homem e animal e não *entre* homem e animal, como alguns interpretam. Em segundo lugar, se “amalgamação” significa formas intermédias, híbridas ou criaturas estranhas resultantes de engenharia biológica, qual é o critério que devemos usar para as reconhecer? Se estas foram formadas após o Dilúvio, provavelmente fossilizaram-se e algumas poderiam mesmo ter sobrevivido até aos dias de hoje. Como podemos diferenciar estes animais híbridos dos outros fósseis e organismos vivos que não são híbridos? Ellen White não nos dá qualquer pista sobre este assunto.

Mais adiante, no mesmo texto já citado, Ellen White afirma que lhe foi “mostrado que existiam antes do Dilúvio animais muito grandes e poderosos, que agora já não existem”.⁴ Num outro texto ela declara que “existiu uma classe de animais muito grandes que pereceu no Dilúvio. Deus sabia que a força do homem iria decrescer e que estes animais gigantes não poderiam ser controlados pelo fraco homem”.⁵

Esta afirmação, entre outras, sobre a vida antes do Dilúvio, sugere que a profetisa está a referir-se à existência de uma ampla variedade de animais que não sobreviveram, entrando na Arca. No entanto, não estamos seguros quanto ao significado desta afirmação. Não sabemos o que eram “estes animais muito grandes e poderosos”. No entanto, as suas afirmações não estão muito distantes da descrição científica dos dinossauros. Falando-se em termos biológicos, eles podem gerar confusão, não apenas porque alguns deles são gigantes, mas também porque as suas partes corporais (pernas, pescoço, cauda, cérebro, e assim por diante) são, em alguns casos, desproporcionados. Até os paleontólogos não concordam entre si sobre se os dinossauros eram criaturas de sangue quente ou frio.

A verdade é que muitas pessoas se têm debatido para encontrar nas afirmações de Ellen White apoio para a ideia de que os dinossauros não foram criados por Deus, mas foram o resultado de hibridação antes do Dilúvio, pelo que estavam condenados a desaparecer nessa catástrofe mundial. Esta pode ser uma possibilidade, mas, após um estudo detalhado dos seus escritos, não encontramos apoio inequívoco para uma tal conclusão. Não sabemos com toda a certeza o que Ellen White quis expressar, pelo que devemos esperar até alcançarmos uma melhor compreensão das suas afirmações.

Conclusão

As Escrituras não mencionam a existência de dinossauros – pelo menos, não tal como os entendemos hoje – nem antes nem depois do Dilúvio mencionado em Génesis. Ellen White também não os menciona, e não estamos certos quanto ao significado das suas afirmações acerca de “gran-

des animais”. Nem a Bíblia, nem Ellen White dizem *por que razão* não os mencionam. Isto é muito importante, dado que o facto de a Bíblia provavelmente não mencionar os dinossauros não prova que eles não existiram. O que não somos capazes de explicar não deixa por isso de ter existência, mas é simplesmente mais outro assunto acerca do qual a Bíblia nada diz. Isto oferece-nos questões potencialmente fascinantes para estudarmos, usando o registo fóssil e outros dados.

Deveríamos ensinar os nossos alunos e membros de Igreja de que os dinossauros realmente existiram. Temos provas concretas: ossos, dentes, ovos, pegadas de dinossauros e até impressões da sua pele. Além disso, sabemos que, a dado ponto na História, eles desapareceram. A sua extinção poderá ter ocorrido antes, durante ou depois do Dilúvio narrado em Génesis. Como o resto dos fósseis, a origem e o desaparecimento dos dinossauros está envolto em mistério. Por essa razão, exigem estudo cuidadoso e rigoroso, algo que Cristãos com interesse na matéria e com talento deveriam ser encorajados a fazer. Os dinossauros não desafiam, nem comprometem, a nossa fé nos ensinamentos da Bíblia. 🌿

• **Raúl Esperante**

Cientista do Geoscience Research Institute

1. Ellen G. White, *Spiritual Gifts*, vol. 3, Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1864, p. 75.

2. Os fósseis intermédios, também conhecidos como fósseis de transição, são aqueles que, segundo a teoria da evolução, mostram possuir características mistas entre dois grupos de animais ou plantas que são considerados consecutivos no tempo. Um exemplo disto são alguns répteis que se parecem com mamíferos, os quais são considerados como um passo intermédio na evolução dos primeiros para os segundos. Estes fósseis de transição são fonte de muito debate entre os cientistas.

3. White, p. 75; ênfase acrescentada.

4. *Ibid.*, p. 92.

5. White, *Spiritual Gifts*, vol. 4a, Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1864, p. 121.

Aboliu Cristo a Lei na Cruz?

O que foi abolido na Cruz foram as leis cerimoniais que tornavam difícil os Gentios fazerem parte do povo de Deus.

“Na sua carne [Cristo] desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar, em si mesmo, dos dois, um novo homem, fazendo a paz.” Efésios 2:15.

Para responder a esta pergunta – “Aboliu Cristo a Lei na Cruz?” – precisamos de compreender o tema da epístola aos Efésios na sua totalidade e, então, passarmos a apreender o pensamento subjacente ao contexto imediato do texto em análise.

O tema está bem sumariado em Efésios 1:9 e 10, que declara que Deus revelou o mistério da Sua vontade na vida e morte de Jesus Cristo. É desejo de Deus que todas as coisas no Céu e na Terra sejam reconduzidas à unidade em Cristo. Ao indicar os componentes desta unidade, a epístola ensina que a desunião entre Deus e a Humanidade deve ser resolvida, os poderes malignos devem ser vencidos e a separação e a hostilidade entre seres humanos deve terminar. O mistério agora revelado no Evangelho é que os Gentios devem ser herdeiros juntamente com Israel (Efé. 3:6), os

dois grupos devem constituir um só corpo e ambos devem partilhar conjuntamente da promessa que se encontra em Jesus.

Os Gentios tornam-se cidadãos

Em Efésios 2, que fornece o contexto imediato de 2:15, a graça de Deus é exaltada (2:1-10) como sendo a base para a unidade dos Judeus e dos Gentios representada em 2:11-22. Esta passagem começa com uma descrição gráfica do desesperado estado de separação dos Gentios. Por um lado, eles são chamados com desprezo “a incircuncisão” pelos Judeus circuncidados (2:11). Por ou-

tro lado, os Gentios estavam “sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo” (2:12).

Que imagem de perfeita perdição! No entanto, uma grande reviravolta está já a caminho, pois o versículo 13 começa com a palavra “mas”, que altera tudo o que a precede. Os resultados da revolução que o “mas” assinala encontram-se em Efésios 2:19-22: os Gentios já não são estranhos e estrangeiros, mas cidadãos com os santos e membros do agregado familiar de Deus. A casa de que agora são parte está construída sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, com Jesus Cristo como pedra de esquina. Incrivelmente, nesta nova casa espiritual ou templo, aqueles que já estiveram sem Deus no passado tornar-se-ão num lugar onde Deus pode habitar!

Cristo uniu os Judeus e os Gentios

Como se alcançará isto? Efésios 2:13-18 mostra o caminho a seguir. Tal como nos tempos antigos o sangue do sacrifício era trazido ao altar, o local da presença de Deus, também – em virtude do sangue de Cristo – os Gentios foram trazidos para perto do povo de Deus e, juntamente com os Judeus, para perto do próprio Deus. O refrão do versículo 14 é “Cristo é a nossa paz”. Já não é uma situação de divisão entre “nós e eles”, mas trata-se de algo que é “nosso”. A paz de Cristo é possuída tanto pelos Gentios, como pelos Judeus. A paz é corporizada em Cristo e estar unido com Ele significa encontrar paz na Terra e paz com o Céu.

A via para a paz é explicada em Efésios 2:14-16. Cristo toma uma ação decisiva, de modo que Ele possa “criar, em si mesmo, dois, um novo homem, fazendo a paz” (2:15). Os Judeus e os Gentios são unificados por três eventos que ocorrem simultaneamente na Cruz. Cristo (1) destrói o muro de separação; (2) põe fim à hostilidade; e (3) abole “a Lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças”. A peça central é o terminar da hostilidade, que é mencionada não apenas no versículo 14, mas também no versículo 16, no qual é dito que, através da morte de Cristo, a hostilidade é destruída. Isto torna possível a Cristo destruir o muro de separação que existia entre Judeus e Gentios. Este muro é definido como sendo “a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças [ou regulamentos]”. Estes regulamentos são o que deu origem à separação e à hostilidade existente entre Judeus e Gentios.

A barreira derrubada não é a Lei moral de Deus

Como identificamos a Lei dos mandamentos, consistindo em ordenanças, que formava a barreira que era necessário derrubar? Pode-se afirmar com confiança que estes “mandamentos” não são os princípios morais encontrados na Lei de Deus. Efésios 2:15 não apresenta uma posição antinômista (contra a Lei), contemplando a abrogação do mandamento de Deus para O amarmos e amarmos o nosso próximo (Deut. 6:4 e 5; Lev. 19:18), o que é amplificado nos Dez Mandamentos (Êxo. 20:2-17) e aprofundado por Jesus em Mateus 5:17-48, que começa “Não cuideis que vim destruir a lei”. Foi, porventura, a dimensão moral da Lei que provocou a inimizade entre Judeus e Gentios, de tal modo que, se os princípios


de moralidade fossem abolidos, resultaria a paz entre eles? Que género de paz seria essa, se os padrões básicos de amor e justiça desaparecessem? O resultado seria a guerra em vez da paz!

Apresentámos até aqui considerações gerais, mas existe também um bom número de considerações específicas, retiradas da epístola aos Efésios, que podem ser citadas para apoiarem a nossa conclusão. Em primeiro lugar, em contraste com o passado, em que éramos filhos da desobediência, agindo de acordo com o príncipe das potestades do ar (2:1 e 2), fomos “criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (2:10). Em segundo lugar, estas boas obras não incluem apenas o mandamento geral para se amar (4:15; 5:2, 25), mas incluem também práticas morais que devem ser seguidas e práticas imorais que devem ser evitadas (4:17-5:20). Se a instrução moral cria a inimizade, então a epístola aos Efésios reconstruiu o muro de separação! Em terceiro lugar, e muito significativo, o quinto mandamento, que diz respeito a honrar-se os pais, é mencionado como um princípio que continua válido e que tem ligado a si uma promessa de herança de vida (6:2 e 3). Deve-se recordar também que havia Gentios que eram atraídos para o judaísmo precisamente por causa dos seus elevados padrões morais.

“A lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças”

Se não é a dimensão moral da Lei que está a ser referida em Efésios 2:15, então o que é? “A lei dos mandamentos que consistia em ordenanças”, referida por Paulo, tem a ver com a separação entre Israel e as outras nações. O que





Em Cristo, a circuncisão já não é necessária, pois tanto os Gentios como os Judeus podem ser o povo de Deus, e juntos constituem uma nova Humanidade, que não é nem judia nem gentia.

tinham os Judeus que os separava visivelmente dos Gentios? Para já, eles tinham o serviço do templo com os sacrifícios quotidianos, regulamentados pelas leis cerimoniais e pelas regras judias que foram acrescentadas mais tarde, os quais distinguiam muito claramente os Judeus dos Gentios.

Isto pode ser ilustrado pelo tumulto que surgiu à volta de Paulo em Jerusalém, quando um grupo de Judeus pensou que ele tinha trazido o Gentio Trófimo para o templo. Este ato era visto como tendo profanado o templo (Atos 21:28 e 29), pois os Gentios eram considerados impuros (Atos 10:28). A experiência de Paulo com Trófimo é clarificada por uma inscrição desenterrada em 1871. A inscrição marcava o muro de separação entre o pátio dos Gentios e os pátios dos Judeus no interior, e ameaçava com a pena de morte qualquer Gentio que passasse para lá do muro. Isto era, sem dúvida, uma fonte de hostilidade!

É verdade que, no tempo do Velho Testamento, Deus chamou Israel para fora das nações para ser o Seu povo especial (Êxo. 19:5 e 6; I Reis 8:53). Vários regulamentos mantinham esta separação, um dos quais era a lei da circuncisão. Paulo, em Éfésios 2:11, menciona como a circuncisão funcionava enquanto motivo de divisão, por causa do modo como os Judeus circuncidados usavam com desprezo a palavra “incircuncisos” para desprever os Gentios. Mas, em Cristo, a circuncisão já não é necessária, pois tanto os Gentios como os Judeus podem ser o povo de Deus, e juntos constituem uma nova Humanidade (2:15), que não é nem judia nem gentia. Em I Coríntios 7:19, Paulo diz que a circuncisão e a incircuncisão nada são (cf. Gál. 6:15); o que conta é guardar os mandamentos de Deus.

Não apenas as específicas leis cerimoniais do Antigo Testamento separavam os Israelitas das outras nações, como nos escritos judeus

do período intertestamental, em que as leis judias se multiplicaram, a ideia de separação era fortemente enfatizada (cf. Marcos 7:2-5). Aqueles que regressaram do Exílio e os seus descendentes estavam determinados a nunca mais voltarem a ser exilados e procuraram proteger Israel da influência das culturas pagãs idólatras que os rodeavam, reforçando assim o muro de separação entre Judeus e Gentios.

Assim, o que Paulo aboliu em Éfésios – a “lei dos mandamentos que consistia em ordenanças” – foram as leis cerimoniais e os regulamentos legais que tornavam difícil que os Gentios viessem a fazer parte do povo de Deus. Quando esta barreira de separação foi vencida pela Cruz, que era o cumprimento do sistema cerimonial do Velho Testamento e que aniquilou a hostilidade (2:16), o que resultou foi “uma nova humanidade em lugar dos dois, fazendo assim a paz” (2:15).¹

• **Ivan T. Blazen**

O DOM ORIENTADOR

O ESTABELECIMENTO DOS MINISTÉRIOS DE PUBLICAÇÕES, DE SAÚDE E DE EDUCAÇÃO

"Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas, e sereis prosperados" (II Crônicas 20:20). A Bíblia ensina que Deus dirige o Seu povo através do dom profético e os Adventistas do Sétimo Dia creem que Deus dirigiu o estabelecimento dos seus primeiros ministérios mais importantes através das visões e dos sonhos de Ellen. G. White. Vejamos um pouco como Deus guiou, através do dom profético, a implementação dos Ministérios de Publicações, de Saúde e de Educação da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Os Ministérios das Publicações

O ano de 1848 tinha sido um período entusiasmante de congregação dos crentes no Advento através de reuniões centradas sobre a questão do Sábado. Pela primeira vez, Adventistas guardadores do Sábado estavam a reunir-se em torno da compreensão da importância escatológica do Sábado na sua relação com o selamento do povo de Deus. Eles esforçaram-se por compreender esta relação numa reunião realizada no lar de Otis Nichols, em Dorchester, Massachusetts, a 7 e 8 de novembro de 1848. Esta reunião dava seguimento a uma reunião já realizada em outubro, em Topsham, Maine, onde tinham estudado o selamento de Apocalipse 7 no contexto das mensagens dos três anjos de Apocalipse 14. Eles estavam a tentar perceber como Deus queria que partilhassem o Sábado enquanto parte do Evangelho eterno. Nesta reunião, Ellen White

teve uma visão. Depois de terminada a visão, ela virou-se para o seu marido, Tiago White, e disse: "Eu tenho uma mensagem para ti. Deves começar a imprimir um pequeno jornal e enviá-lo ao povo. Que ele seja pequeno, no início; mas, à medida que as pessoas o lerem, enviar-te-ão meios financeiros para que possas continuar a imprimi-lo, e ele será um sucesso desde o início." Ela fez então a surpreendente predição: "A partir deste pequeno começo foi-me mostrado que será como jatos de luz que irão circundar o mundo."¹

Esta visão, suplementada por visões subsequentes, levou Tiago White a começar a publicação de um jornal intitulado *Present Truth* (Verdade Presente) em julho de 1849. Este jornal serviu para convencer os Adventistas da importância do Sábado à luz da iminente vinda de Jesus. Alguns anos mais tarde foi substituído pelo jornal

Advent Review and Sabbath Herald (Revista do Advento e Arauto do Sábado), que continuou a ser publicado até aos dias de hoje, sob o título *Adventist Review* (Revista Adventista). A extensa obra de publicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia deve-se, em larga parte, às visões proféticas de Ellen White.

O Ministério da Saúde

Durante as décadas de 1850 e 1860, os Adventistas do Sétimo Dia enfrentavam um desafio especial. Como os Norte-americanos em geral, muitos deles sofriam de doenças contagiosas e de desordens provocadas pelo seu estilo de vida. Tuberculose, cólera, difteria e pneumonia, entre outras doenças, estavam continuamente a reclamar vidas. Os princípios de higiene e asseio eram amplamente desconhecidos. Uma dieta limitada, constituída sobretudo por carne, gorduras e especiarias fortes, levava a derrames cerebrais, a doenças de coração e a deficiências nutricionais que debilitavam os Norte-americanos, em geral, e os Adventistas, em particular.

Ellen White recebeu quatro visões sobre a reforma da saúde entre 1848 e 1865. Em 1848 foram-lhe mostrados os efeitos nefastos do tabaco, do chá e do café.² No dia 12 de fevereiro de 1854, ela teve uma visão sobre a importância do asseio, da temperança e sobre o perigo que constituem os alimentos ricos ou refinados. "Eu vi alguns entre os santos que estavam doen-

tes, os quais se tinham colocado a eles próprios nessa situação por indulgência para com o apetite. Se desejamos ter boa saúde devemos ter um cuidado especial com a saúde que Deus nos deu, rejeitar o apetite doentio e comer alimentos não refinados [em estado natural] com pouca gordura.”³

A visão de Ellen White a 6 de junho de 1863, no lar da família Hilliard, em Otsego, Michigan, teve a mais ampla influência sobre os Adventistas do Sétimo Dia. Esta visão expandiu o que já tinha sido previamente mostrado, e promoveu, entre outras coisas, o vegetarianismo, a abstinência de carne de porco, fazendo também notar a ligação entre a saúde e a dependência do poder divino.

A 25 de dezembro de 1865, ela recebeu uma quarta visão, em Rochester, Nova Iorque, com instruções no sentido de os Adventistas estabelecerem a sua própria instituição de saúde. Embora inicialmente destinada a servir os Adventistas, Ellen White viu-a como um ministério de cura para o mundo. Ela escreveu: “Uma tal instituição, bem conduzida, seria o meio de levar as nossas perspectivas perante muitos que nos seria impossível alcançar pelo modo comum de advogar a verdade. [...] Sendo assim colocados sob a influência da verdade, alguns não obterão apenas o alívio das fraquezas corporais, mas encontrarão um bálsamo restaurador para as suas almas doentes por causa do pecado.”⁴

Em resposta a estas visões, os Adventistas começaram a caminhar em direção a um novo estilo de vida e a um novo meio de partilhar as três mensagens angélicas. A mensagem da saúde tornou-se no “braço direito” do Evangelho. Foi a orientação de Deus, através das visões e dos sonhos dados a Ellen White, que trouxe esta nova ênfase.

O Ministério Educacional

Antes da década de 1870, a maioria dos Adventistas do Sétimo Dia recebera pouca instrução formal. No entanto, eles estavam fortemente orientados para a Bíblia e para a compreensão da sua mensagem. Esta orientação baseada na Bíblia levava a uma incidência particular na promoção da leitura e do pensamento claro. Em 1872, Ellen White publicou o número 22 dos *Testemunhos para a Igreja*, o qual é hoje parte da coleção do mesmo nome publicada em nove volumes. Foi-lhe mostrada em visão a importância da educação cristã e, particularmente, da educação cristã Adventista.

Num artigo abrangendo cerca de 50 páginas, ela apresentou vários princípios de educação adequada. Isto incluiu temas como a importância de ensinar as crianças e os jovens a pensarem por si mesmos e a tomarem decisões morais pessoais; o uso adequado do tempo na educação; a necessidade de cultivar a pessoa na sua totalidade – mental, física, moral e espiritual. O artigo também ligava princípios de saúde à educação. Ela concluiu o *Testemunho* com estas palavras: “O grande objetivo da educação é ajudar-nos a usar os poderes que Deus nos deu, de tal maneira que possamos representar melhor a religião da Bíblia e promover a glória de Deus. [...] Precisamos de uma escola em que aqueles que estão a entrar no ministério possam ser ensinados pelo menos nos ramos comuns da educação e onde possam também aprender mais perfeitamente as verdades da palavra de Deus para este tempo.”⁵

Esta mensagem levou ao estabelecimento do *Battle Creek College* (Faculdade de Battle Creek) em 1874, a primeira de uma rede mundial de Faculdades e Universidades. Durante a década de 1890, a

educação primária e secundária foi enfatizada e, hoje, os Adventistas do Sétimo Dia colocam uma grande ênfase na educação, operando o maior sistema escolar Protestante do mundo. Como as Publicações e a Saúde, a Educação influenciou dramaticamente o modo como os Adventistas partilham o Evangelho. Isto ocorreu através da direção profética de Deus mediante os escritos de Ellen White, orientados por visões.

A clara orientação de Deus

Por vezes, os Adventistas do Sétimo Dia, bem como aqueles que são abençoados pelos Ministérios de Publicações, de Saúde e de Educação da Igreja não percebem que foi Deus que levou ao estabelecimento e desenvolvimento contínuo destes ministérios. Deus preocupa-Se tanto com as pessoas e preocupa-Se tanto em partilhar eficientemente uma mensagem de esperança para um mundo moribundo que deu orientações diretas à Sua Igreja através de visões e sonhos. Assim, não admira que os Adventistas do Sétimo Dia apreciem os escritos de Ellen White. Talvez a nossa resposta mais válida fosse ler os seus livros intitulados *O Ministério da Cura e Educação*, os quais apresentam os princípios de saúde e de educação que lhe foram mostrados em visão. †

• **Merlin D. Burt**

Professor de História da Igreja ASD

1. Ellen G. White, *Life Sketches of Ellen G. White*, Mountain View, Calif., Pacific Press, 1915, p. 125.
2. James White, “Western Tour”, *Advent Review and Sabbath Herald*, 8 de novembro, 1870, p. 165; Ellen G. White ao “Irmão e Irmã Howland”, 12 de novembro, 1851 (carta 8, 1851).
3. Ellen G. White, “Reproof for Adultery and Neglect of Children”, 12 de fevereiro, 1854 (manuscrito 1, 1854).
4. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, Mountain View, Calif., Pacific Press, 1948, vol. 1, pp. 492 e 493.
5. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, nº 22, Battle Creek, Mich., Seventh-Day Pub. Asso., 1872, p. 48.



A Igreja ultrapassa a marca dos 18 milhões de membros

ANN/RA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, uma das denominações cristãs de mais rápido crescimento no mundo, ultrapassou a fasquia dos 18 milhões de membros. A 30 de setembro de 2013 havia 18 028 796 Adventistas do Sétimo Dia, segundo o Departamento de Arquivos e Estatísticas da Igreja. Estima-se que entre 25 e 30 milhões de homens, mulheres e crianças frequentemente semanalmente os serviços de culto oferecidos pelas igrejas Adventistas. A diferença entre

este número e o número de membros está radicada no facto de que a Igreja Adventista do Sétimo Dia não batiza crianças. Em outubro, o Secretário Executivo da Igreja Adventista, G. T. Ng, afirmou o seguinte quanto ao crescimento da Igreja: “Em cada dia 3052 pessoas juntam-se à Igreja. A cada hora são batizadas 127 pessoas. Em cada minuto que passa são batizadas duas pessoas, e nós damos glória a Deus por isso”. David Trim, diretor do Departamento de Arquivos e Estatísticas

da Igreja, fez o seguinte comentário: “Estamos empolgados por este crescimento ter lugar numa época em que, globalmente, muitos grupos religiosos já não estão a crescer. Agradecemos a Deus porque, mesmo diante de desafios como a opressão política, a perseguição religiosa e o crescente materialismo e secularismo, este movimento, que enfatiza a esperança e a integridade, continua a crescer e atingiu este magnífico marco estatístico.”



Orçamento da Igreja Adventista Mundial para 2014

ANN/RA

O orçamento de 2014 da sede mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia é destinado a financiar o trabalho missionário e as estruturas administrativas fora da América do Norte, bem como o funcionamento da Conferência Geral. O orçamento mundial da Igreja deste ano atinge a soma de 180 milhões de dólares. Este montante será distribuído do seguinte modo: (1) 46,2 milhões para pagar os custos de funcionamento, salários e pro-

gramas da Conferência Geral; (2) 44 milhões para financiamento de campos fora da América do Norte; (3) 33 milhões em subsídios a instituições; (4) 29,3 milhões para o suporte de missionários e de empregados que estão ao serviço de outras Divisões; (5) 14,6 milhões para fundos administrados pela Conferência Geral; e (6) 12 milhões para o Serviço de Auditoria da Conferência Geral. Este orçamento mundial de 180 milhões de dólares inclui

apenas itens relacionados com a sede mundial da denominação e com subvenções para os campos mundiais. O orçamento mundial não inclui os rendimentos ou os orçamentos das 13 Divisões mundiais da Igreja ou das respetivas unidades administrativas e das igrejas locais. Os custos de operação da sede da denominação estão limitados a 2% do montante mundial de dízimos (a Igreja Adventista do Sétimo Dia recebe anualmente mais de 2 mil

milhões de dólares em dízimos). Este ano, mais uma vez, a Conferência Geral irá operar financiada por um montante consideravelmente mais baixo do que o seu limite estatuído. Pela primeira vez, a Divisão Norte-Americana irá receber um financiamento da Conferência Geral: 279 000 dólares, para ajudar na administração da Missão de Guam-Micronésia, que, anteriormente, fazia parte da Divisão Sul da Ásia-Pacífico.

Novo contrato com satélite expande o alcance da televisão Adventista

ANN/RA

Um novo satélite contratado pelo canal de televisão Adventista sediado em Beirute aumenta significativamente o alcance deste meio de comunicação no Norte de África e no Médio Oriente. O canal *Al Waad*, da rede *Hope Channel*, assinou com o satélite *Eulesat 7 West* um contrato com a duração de cinco anos, de modo a levar a mensagem Adventista

a uma audiência mais vasta de falantes do Árabe, do Turco e do Farsi, que se espalham pelo Norte de África e pelo Médio Oriente. “Este novo contrato é uma oportunidade fantástica para fazer avançar a obra de Deus e é também um passo importante na evangelização das grandes cidades da região”, disse Brad Thorp, presidente do *Hope Channel*. “Agora pode-

mos difundir o canal *Al Waad* em todas as cidades desta região, abrindo assim milhões e milhões de lares à boa-nova de Deus que conduz a uma vida melhor hoje e na eternidade.” As emissões por satélite são a forma de transmissão televisiva mais comum no Médio Oriente. “Já há muitos anos que temos estado a orar para que isto acontecesse”, disse Amir Ghali, dire-

tor da estação *Al Waad*, acrescentando que “a programação pacífica e isenta do canal” tem sido bem recebida na região desde que foi inaugurado em 2010. Os programas do *Al Waad* têm como tópicos a saúde, a educação e a família. O nome do canal, em Árabe, significa “A promessa”, porque pretende oferecer a promessa de esperança a toda a região.

O programa histórico da *Voice of Prophecy* muda-se para o Colorado

AR/RA

O pioneiro programa de rádio Adventista *The Voice of Prophecy* (A Voz da Profecia) irá mudar-se para a cidade de Loveland, no Colorado, no outono de 2014. Assim foi anunciado pelos seus responsáveis no dia 7 de janeiro de 2014. Shawn Boonstra, orador e diretor do programa, afirmou estar “entusiasmado

pelo facto de se reiniciar o ministério da Voz da Profecia no Colorado. O objetivo de A Voz da Profecia será sempre um só: salvar para a eternidade almas perdidas. O Colorado oferece-nos um local central e de baixo custo para que possamos continuar o nosso ministério evangelístico e para que possamos também desenvol-

ver novas plataformas para a nossa missão. A tecnologia avançou nestes últimos 84 anos ao ponto de podermos produzir conteúdos mediáticos de qualidade a partir de qualquer ponto do país. H. M. S. Richards começou o seu ministério evangelístico no Colorado, pelo que não poderíamos imaginar um lugar me-

lhor para transferirmos este ministério”. A Voz da Profecia planeia, no futuro, construir uma sede em terrenos adjacentes à Academia Champion, uma escola secundária Adventista. Este outono irá ocupar temporariamente um local em Loveland. Victor Pires, gestor e tesoureiro de A Voz da Profecia, fez notar que “o nosso ministério terá oportunidade de crescer e florescer neste novo ambiente. Os dias mais brilhantes de A Voz da Profecia ainda estão pela frente”.

NOTÍCIAS NACIONAIS

Natal Solidário – ADRA Portugal

Ad7News/RA

A Casa da Música do Porto recebeu, no dia 21 de dezembro, um dos melhores Concertos de Natal organizados pela ADRA Portugal. Este evento contou com a participação de dois coros e duas

orquestras. A primeira parte foi da responsabilidade do coro infantil, acompanhado por músicos do Conservatório de Música de Albufeira, bem como por outros músicos que se juntaram para proporcionarem a todos os que vieram à Casa da Música um momento musical de grande qualidade. A segunda parte do evento teve a participação de cerca de 150 cantores, vindos de todas as partes do país, acompanhados pela

Orquestra Filarmónica das Beiras e dirigidos pelo Maestro José Dias. As 21 delegações da ADRA – Região Norte mostraram os seus projetos de solidariedade em favor das famílias carenciadas e dos sem-abrigo. Com esta iniciativa puderam também angariar fundos. O concerto foi gravado para que outros possam adquirir o respetivo DVD e, assim, beneficiar os projetos da ADRA Portugal. Tal como afirmou João Martins, Diretor da ADRA Portugal, “este foi um momento para louvarmos Deus, todos juntos, por uma mesma causa”.



Livro *No laboratório de Deus*

Ad7News/RA

O Departamento de Educação da UPASD recomendava vivamente a todas as famílias e igrejas que adquiram e explorem o livro *No laboratório de Deus*. A equipa da Oficina de Talentos de Lisboa

lançou, em 2012, este recurso educativo que visa proporcionar às crianças uma aprendizagem dinâmica, prática e atrativa das verdades eternas que se encontram na Bíblia. O livro apresenta experiências que pretendem



conduzir os pequenos investigadores numa experiência espiritual única e significativa, que os ajudará a crescerem e a aprenderem mais sobre Cristo. Este recurso poderá ser explorado no lar, no âmbito do culto familiar, ou na igreja, pelos Ministérios da Criança ou pelos Clubes de Rebentos e Tições. O livro poderá ser adquirido junto da secretária do Departamento de Educação da UPASD.

Campanha e batismos em Sacavém

Ad7News/RA

A igreja de Sacavém levou a efeito, de 9 a 16 de novembro, uma Campanha de Evangelização local, dirigida pelo pastor Enoque Nunes. Houve uma frequência média diária de 74 pessoas e um total de 37 visitas, numa média de cinco visitas por noite. A campanha culminou com uma cerimónia batismal no dia 16, em que seis almas se entregaram a Jesus.



Hoje, existe alegria no Céu e também na igreja de Sacavém, pois Deus conquistou mais seis candidatos para o Reino dos Céus e levou a igreja a empenhar-se no ensino da Palavra, cumprindo assim a missão que lhe foi dada pelo nosso Senhor Jesus Cristo.

EDUCAR para a ETERNIDADE

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NUMA PERSPETIVA ADVENTISTA

Como Cristãos, não podemos senão desejar uma educação de boa qualidade para os nossos filhos, bem como para as crianças e para os jovens da nossa Igreja. Foi este empenho que levou a Igreja Adventista do Sétimo Dia a dedicar grande parte – ou mesmo a maior parte – dos seus meios e recursos à educação das novas gerações.

Este importante investimento baseia-se na profunda convicção de que a “Educação” comporta muito mais do que a mera instrução. Se a instrução fosse suficiente, as escolas do Estado bastariam para educar os nossos filhos. No entanto, nós, os crentes, sabemos que o mais importante na educação da pessoa não é a aquisição de conhecimentos – por muito necessários que estes sejam para a vida adulta –, mas sim a edificação do caráter, que é algo que se constrói para a eternidade. Educar uma criança é como começar a construir um edifício. Se os alicerces não são sólidos ou não estão corretamente colocados, talvez se note pouco no início. Mas quando a obra prosseguir, os seus defeitos, às vezes irreparáveis, tornar-se-ão visíveis para todos.

Na perspetiva Adventista, a educação integral inclui todos os aspetos da personalidade; não só as faculdades intelectuais e físicas,

mas também o caráter e o espírito. Precisamos de que os nossos filhos saibam muito, mas sobretudo de que saibam quem são, de onde vêm e para onde vão. Que saibam tomar decisões sábias e lutar pelas suas convicções. Que saibam ser fiéis a Deus e úteis à Humanidade.

Há pelo menos sete razões que deve considerar para tomar a decisão de escolher uma educação Adventista para os seus filhos:¹

Os professores. Os educadores cristãos não costumam entrar na profissão para ganhar dinheiro. Fazem-no por vocação. Para eles, é um verdadeiro ministério. Assumem com todo o coração a sua função de complemento à função educativa dos pais e aproveitam cada oportunidade para guiar os seus alunos, com amor, na edificação do seu caráter, ajudando-os a alcançarem o seu máximo desenvolvimento. Empenhados nesta missão, os educadores cristãos enviam continuamente uma mensagem aos seus educandos: “Eu educo-te como Deus me ensina a fazer.” Numa escola Adventista, os seus filhos estarão sob a influência

de profissionais consagrados, que veem em cada criança uma candidata para o Céu. Esta atmosfera de aprendizagem e de crescimento na graça divina é a própria essência da escola cristã.

Os valores. As escolas Adventistas não cultivam apenas a mente, mas também a fé. Todos os programas educativos incluem aulas sobre religião ensinadas por professores comprometidos com os princípios bíblicos. O currículo de religião está concebido tendo como eixo o Plano da Salvação. A Bíblia ensina a compreender de maneira correta o grande conflito cósmico entre o Bem e o Mal e ensina também a decidir inteligentemente pelo lado apropriado. A Palavra de Deus é um recurso educativo extraordinário porque o Espírito Santo trabalha em cada página. Nas aulas sobre a Bíblia, os seus filhos descobrirão o verdadeiro caráter de Deus, terão repetidas ocasiões para encontrar Jesus, para ser atraídos por Ele e para Lhe entregar a sua jovem vida. Esta é a decisão mais importante que podem tomar.

A atmosfera familiar. Os estudantes Adventistas descobrem que são membros de três famílias: a sua família biológica, a família da Igreja e a grande família de Deus, ainda em construção. Ensinar a respeitar e a amar cada uma destas famílias é uma tarefa importante da educação cristã. Todos os jovens necessitam de aprender a fraternidade, o amor e a solidariedade em

favor da grande família humana. A estreita colaboração entre o lar, a escola e a igreja está destinada a criar uma atmosfera de família capaz de proteger os nossos filhos da contaminação moral que os rodeia, de maneira a que adotem por si mesmos um estilo de vida aprovado por Deus. Não existe nenhum seguro contra o “Mundo”, mas vale a pena fazer tudo o que está em seu poder, incluindo certos sacrifícios, para que os seus filhos pertençam ao “rebanho”. A paz interior dos seus filhos merece-o. De acordo com o projeto divino, “todos os teus filhos serão discípulos do Senhor; e a paz dos teus filhos será abundante” (Isaías 54:13).

A inspiração para alcançar a excelência. “Busca o melhor” é o lema da verdadeira educação cristã. A excelência alcança-se unindo-se inspiração e motivação. Mostrando a importância de adquirir valores que enobrem e convidem à superação. O mais impor-

tante frequentemente aprende-se espontaneamente, sem o estudarmos. Todos os programas de uma escola Adventista são projetados para que os ideais supremos e a edificação de um caráter reto ocupem o lugar que lhes corresponde. Alguns chamam-lhe “o currículo escondido”. Um ambiente cristão inspira os estudantes a visarem mais alto na seleção da sua escala de valores, a fixarem para si metas elevadas para a vida. Frequentemente encontram num professor o modelo que os inspira.

A qualidade. Os professores Adventistas costumam alcançar elevados níveis de formação, tanto no domínio da sua matéria, como em princípios pedagógicos. Para esse efeito, recebem instrução específica em educação Adventista. Ensina-se-lhes a cultivarem um clima psicológico propício à aprendizagem na aula, bem como a ajudarem cada criança a aprender da melhor forma e ao seu próprio rit-

mo. A educação Adventista quer ser uma “educação de qualidade” no sentido pleno da palavra. O currículo escolar é regularmente revisto por profissionais, para assegurar que supera as orientações seculares, incorporando os objetivos distintivos da educação Adventista, um dos quais é preparar os jovens para que dediquem a sua vida a um serviço altruísta em favor da Humanidade. Muitos educadores hoje consideram o currículo Adventista como um modelo.

A disciplina redentora. O professor cristão procura converter uma ocasião de indisciplina numa experiência de crescimento. Procura transformar um erro num passo decisivo no processo de uma melhor compreensão de si mesmo e numa ocasião de aprendizagem do domínio próprio. Nada mostra melhor o Cristianismo prático de uma escola do que a maneira como se trata os alunos que se desviam das regras académicas. A discipli-

**perspetiva Adventista,
a educação integral
inclui todos os aspetos
da personalidade;
não só as faculdades
intelectuais e
físicas, mas também o
caráter e o espírito.**



na redentora é colocar em prática os princípios do caráter de Deus, combinando lei e graça, justiça e misericórdia. “Disciplina” é uma palavra que vem de uma raiz que significa “fazer discípulos”. O fim último da educação Adventista é convidar todos a seguirem Cristo.

O ambiente. O estilo de vida mundano exerce uma poderosa influência sobre os jovens: Os meios de comunicação, a televisão, a música, a moda, os jogos de vídeo, a Internet, o álcool, as drogas, as diversões, a incitação ao sexo – tudo se alia para afastar os jovens de Deus. Os pais cristãos precisam de poder contar com uma escola que seja tanto uma “cidade de refúgio” como um ambiente saudável, que seja o mais segura possível para os seus filhos, onde o comportamento correto é apreciado e onde prevalecem a ordem e o respeito mútuo. Todos os pais sabem que os jovens frequentemente aprendem mais dos seus companheiros sobre práticas e estilo de vida do que dos seus familiares e professores e que os jovens líderes marginais costumam exercer uma tremenda influência sobre os mais débeis. É claro que nem todos os alunos de uma escola cristã são modelos de conduta. Mas ninguém duvida de que o ambiente escolar afeta de modo decisivo o comportamento dos jovens. As nossas escolas esforçam-se por criar e conservar um ambiente que contribua para o desenvolvimento de um caráter cristão. Este ambiente é tão decisivo que vale a pena lutar para o conseguir, incluindo fazer alguns sacrifícios.

Por isso, Ellen G. White declara que “de todas as instituições deste mundo, a escola Adventista é a mais importante” (*Testemunhos*,

vol. 6, p. 109). A razão é clara para a pena inspirada: “Não há obra mais importante do que a educação dos nossos jovens. Alegro-me porque temos instituições em que eles podem estar separados das influências corruptoras que prevalecem nas escolas do nosso tempo. Os nossos irmãos e as nossas irmãs devem sentir-se gratos porque, graças à providência de Deus, estabeleceram-se os nossos colégios e deveriam estar prontos para apoiá-los com os seus recursos” (*Conselhos aos Professores*, p. 38).

Em muitos casos, o obstáculo principal que encontram algumas famílias para enviarem os seus filhos às nossas escolas é económico. No entanto – acrescenta Ellen G. White –, “todos os nossos jovens deveriam poder receber as bênçãos e os privilégios de uma educação nas nossas escolas” (*Conselhos aos Professores*, p. 36).

Como ajudar aqueles que não possuem os meios financeiros necessários? Ellen G. White dá-nos uma pista muito concreta: “Que se crie um fundo através de contribuições generosas para o estabelecimento de escolas que levem adiante a obra educativa” (*Conselhos aos Professores*, pp. 36 e 37). A serva do Senhor insiste na necessidade de se tomar uma posição neste ponto: “Como Igreja, como indivíduos, se queremos estar sem culpa no juízo, devemos fazer esforços mais generosos para a educação dos nossos jovens” (*A Educação Cristã*, p. 116).

Pessoalmente, tenho duas razões suplementares para promover a educação Adventista. A primeira é que trabalho nela há mais de quarenta anos. Conheço em primeira mão todos os seus fundamentos, tanto ao nível da sala de aula como ao nível da administração. Conheço pessoalmente os seus protagonistas em muitos



países e, salvo raras exceções, sinto-me orgulhoso deles. A segunda razão é que os meus três filhos e os meus dois netos beneficiaram, na sua formação básica e mais para além dela, da frequência de escolas Adventistas. Toda a nossa família tem sido abençoada pela educação Adventista e estar-lhe-emos agradecidos eternamente. Cremos nela e queremos que todos os jovens Adventistas possam desfrutar dos privilégios que ela comporta.

É claro que a educação Adventista é um ideal, que nem sempre conseguimos manter. As nossas escolas não são perfeitas. Mas têm duas coisas que dificilmente as escolas públicas podem oferecer. A primeira é, precisamente, esse ideal, inspirado por Deus; e a segunda são os professores consagrados ao ministério da educação, no qual se aplicam, partilhando a sua fé com os seus alunos e lutando para os levar para cada vez mais perto desse ideal.

Se ama os seus filhos, se se importa com o futuro das nossas crianças e jovens, se ama verdadeiramente o Mestre e quer prosseguir a tarefa que nos entregaram de “apascentar os seus cordeiros” (João 21:15), demonstre-o, apoiando a educação Adventista. Os seus filhos e muitos outros agradecer-lhe-ão. Nesta vida e na eternidade. Da parte deles, agradeço-lhe de coração. ✍

• **Roberto Badenas**

1. Adaptado de George H. Akers, “Siete razones para enviar a mi hijo a una escuela adventista”, *Revista de Educación Adventista*, 13:2001, pp. 21-23.

Internatos Adventistas: lugares de desenvolvimento holístico!

Certamente o Leitor já se terá interrogado sobre as razões que têm levado a Igreja Adventista, a nível mundial, a apostar nos Internatos em algumas das suas escolas e Universidades. Reconheçamos que nem sempre a visão dos Internatos tem sido a mais apropriada. Algumas famílias têm encarado os Internatos como lugares de recuperação, ou seja, de “reformatório”. Esta, não sendo uma abordagem errada, não é, no entanto, a mais ajustada à filosofia educacional que norteia a Educação Adventista. Mas, graças a Deus, muitas outras famílias Adventistas espalhadas pelo mundo possuem a visão de que os Internatos são lugares de equilibrado crescimento espiritual, mental, físico, social e emocional e de transmissão de valores.

Convidamo-lo, então, a refletir connosco sobre as razões ou vantagens em confiar o seu filho ou a sua filha a um Internato de uma

instituição de ensino Adventista. Iremos fazê-lo partindo de um estudo produzido pelo *Institute for Christian Teaching*.¹ Antes, porém, importa ter presentes as palavras inspiradas de Ellen White: “Os nossos Internatos foram estabelecidos a fim de os nossos jovens não serem levados a flutuar daqui para ali, e serem expostos às más influências que estão em toda a parte; mas para que, o quanto possível, se proveja uma atmosfera doméstica em que sejam preservados de tentações à imoralidade, e sejam encaminhados a Jesus. A família do Céu representa aquilo que a terrena devia ser; e os nossos Internatos, onde se reúnem jovens em busca de preparação para o serviço de Deus, devem-se aproximar o quanto possível do modelo divino.”²

Como Adventistas do Sétimo Dia, cremos em Cristo e não temos dúvidas quanto ao Seu lugar central na história deste mundo. Ora, uma Escola Adventista com Internato

é um lugar onde os profissionais que ali trabalham partilham desta mesma convicção. Assim sendo, não lhe parece isto suficiente para decidir confiar o seu filho ou a sua filha a um lugar e a um conjunto de profissionais que apresentam Cristo e em que Este é parte central do processo educativo? Como primeira razão, apontaríamos o objetivo maior de uma instituição de ensino adventista: “Restaurar no homem a imagem do seu Autor.”³ De acordo com a história da Criação, Deus fez o ser humano como homem e mulher à Sua semelhança (Génesis 1:27). Esta semelhança tem a ver com a pessoa no seu todo, com as suas faculdades físicas, emocionais, mentais, espirituais e sociais. Ela também tem a ver com a expectativa de viver a vida de forma amorosa e responsável (Efésios 5:1-20), preservando e cuidando da Natureza (Génesis 1:28; 2:15). Embora a semelhança de Deus tenha sido obscurecida pela Queda (Génesis 3) e o ser humano tenda para o mal (Romanos 7:17-25), ele ainda tem um constante desejo de fazer o bem (Romanos 8:18-23). Uma Escola Adventista procura apresentar o Plano da Salvação, de forma a levar os seus alunos de volta para a semelhança com Deus (Efésios 4:24).

Como segunda razão, apresentamos a intenção clara de ensinar valores, atitudes e comportamentos. É igualmente objetivo da educação Adventista fazer com que os alunos tomem consciência do seu próprio valor; conduzi-los para que pensem





de modo responsável e independente; orientá-los para uma ação onde se verifique a responsabilidade e o domínio próprio, bem como a capacidade de lidar com a liberdade e de criar relações sociais.

Muitos são os valores apreendidos no lar, na igreja e na escola, mas entre estes há que consolidar três: fé, esperança e amor (I Coríntios 13:13). Possuindo estes valores e usufruindo de uma vida acadêmica, social e espiritual equilibrada e cristã, é muito provável que o aluno de um Internato Adventista tenha algumas ou, mesmo, todas as seguintes atitudes e comportamentos: ouvir a voz de Deus; viver a honestidade em todas as áreas; sentir a solidariedade para com os mais fracos; ter o desejo de servir; tomar a opção de viver uma vida mais saudável; gerir com responsabilidade o

tempo, as prioridades, as finanças; assumir uma atitude responsável na sua relação com a Natureza e o ambiente; possuir uma atitude positiva e construtiva em relação à vida e ao futuro.

Como terceira razão, destacaríamos a intencional, inspirada e equilibrada *filosofia educacional Adventista*, que aponta para o desenvolvimento harmonioso do ser humano. Regido por esta filosofia educacional, encontra-se o sistema escolar Adventista. Com mais de 150 anos de existência, esta rede escolar encontra-se espalhada um pouco por todo o mundo e tem merecido, por parte de entidades governamentais e outras, um reconhecimento que atesta da sua qualidade e excelência. Não é de estranhar, pois toda esta “máquina” foi estabelecida por Deus, que

pretende garantir ao Seu “povo eleito” e ao mundo uma educação centrada num plano pedagógico de reconciliação e restauração.

Procuremos aprofundar um pouco esta filosofia educacional integral e restauradora⁴ que norteia a vida num Internato Adventista.

A vida num Internato oferece a *vertente física* como uma contrapartida necessária ao trabalho mental. A vida escolar está praticamente centrada no exercício mental, daí ser necessário dar importância ao exercício físico. Afinal o intelecto funciona melhor se o corpo estiver em boa forma. Além disso, as diversas práticas desportivas, se efetuadas de forma cooperativa, equilibrada e com *fair-play*, atenderão às necessidades sociais e emocionais dos alunos. O aluno é convidado a tomar consciência



do seu corpo, da sua aparência e da sua higiene pessoal e é chamado constantemente a refletir e a tomar decisões sobre a questão da temperança e da alimentação saudável. Uma combinação equilibrada de exercício físico, trabalho manual, estudo e criatividade gera uma atitude positiva e um bem-estar geral. Como parte dos edifícios e dos espaços verdes envolventes são cuidados pelos alunos, tal prática estimulará a ordem, a limpeza e a responsabilidade ambiental.

Há depois a **vertente emocional**. Numa Escola Adventista procura-se desenvolver a autoestima e a autoaceitação. Os alunos, ao sentirem-se amados e aceites, experimentarão também eles amar e respeitar o seu próximo. Muitos estudantes chegam aos Internatos emocionalmente feridos. Gozando de uma atmosfera encorajadora e de empatia em toda a escola, tal facto apoiará o desejado processo de cura. Cada aluno, independentemente da nacionalidade, raça ou religião, é valorizado e incentivado a aprender formas de lidar com as mais diversas situações da vida quotidiana, incluindo situações de conflito. Os alunos podem desenvolver uma identidade como filhos amados de Deus e filhos do Rei e entrar em contacto com o seu Criador. Todos estes passos são importantes para o equilíbrio emocional.

Não poderemos esquecer a **vertente mental**. Uma Escola Adventista pretende que os seus alunos sejam pensadores e não meros refletores do pensamento de outrem. Os alunos não devem ser confrontados com um sistema dogmático definido, mas devem ser-lhes dadas "ferramentas" para aprenderem a desenvolver os seus próprios valores, convicções e objetivos de vida. A pedagogia pela descoberta é por isso valorizada. Mas o processo educativo não tem



Conheça, acredite, envolva-se e partilhe a existência de um Internato Adventista em Portugal. Suspenso em 2007, o Internato do Colégio Adventista de Oliveira do Douro reabriu em setembro de 2013, voltando a ser o lugar onde o desenvolvimento integral dos seus alunos é uma preocupação, uma prioridade e uma realidade.

lugar somente na sala de aula, nem acontece unicamente em processos formais. O processo acontece também de forma informal e em todos os lugares, tendo como intervenientes profissionais cristãos Adventistas. Uma vez mais, tal realidade só trará benefícios para os jovens que buscam, naqueles que os educam, referências ou modelos coerentes e equilibrados.

Consideremos também a **vertente social**. Os alunos precisam de se aceitar a si mesmos como seres sociais, pois eles não vivem para si, mas fazem parte de um sistema social cada vez maior: família, Igreja, escola, comunidade, sociedade, cultura, Humanidade. A construção de uma consciência social, a integração, a participação e o contributo nestes e para estes sistemas é uma prioridade. Importa que os alunos percebam que são peregrinos neste mundo, mas que, ao viverem nele, é imprescindível aprender a viver de forma equilibrada, responsável, honesta e coerente, abraçando o desejo de servir a comunidade religiosa e a comunidade em geral (I Pedro 2:11 e 12).

Por fim, temos a **vertente espiritual**. Numa Escola Adventista, os

alunos são incentivados, nos mais diversos programas diários, a buscarem e a encontrarem Deus. Uma vida de oração, de estudo da Palavra, de louvor e de comunhão são uma realidade que os marcará definitivamente e que os tornará candidatos à vida eterna. Ao estabelecerem uma relação de intimidade com o Senhor, os alunos são encorajados a direcionar a sua atenção para os demais seres humanos, abraçando uma vida de serviço, de missão e de Discipulado.

Pergunto a mim próprio e ao prezado Leitor: são estas razões suficientes para confiar os filhos que Deus nos deu a um ambiente cristão como este, que possui esta perspetiva holística única? Reflita e tome decisões educativas acertadas para os seus filhos, com Jesus. ✦

• **Tiago Alves**

Diretor do Departamento de Educação da UPASD

1. Wolfgang Stammer, *Holistic Student Development in a University Residence Hall: Adventist Philosophy and Goals*, prepared for the International Faith and Learning Seminar, Institute for Christian Teaching.
2. Ellen G. White, *Conselhos sobre Educação*, p.154.
3. Ellen G. White, *Educação*, p. 16.
4. Esta definição é apresentada no livro *Pedagogia Adventista*, editado pela Divisão Sul-Americana.

Amarás o teu INIMIGO

Cem bolívars

A sexta-feira estava prestes a terminar e o colportor venezuelano Domingo Ramos tivera uma semana com poucas vendas. Desanimado, pensou nas necessidades quotidianas da sua família. No bolso de Domingo Ramos havia apenas 102 bolívars e ele sabia que 100 deles pertenciam à casa editora venezuelana. Para evitar a tentação de gastar este dinheiro nas suas necessidades pessoais, Domingo decidiu ir imediatamente aos correios para enviar o dinheiro por vale postal para a casa editora.

Quando entrou na estação dos correios para enviar o dinheiro, o encarregado disse-lhe agressivamente: “Então, és tu o diabo Adventista que está a desviar as pessoas da verdadeira fé católica?” E continuou: “Já me falaram de ti. Se não fosse o meu dever, eu nem sequer te atendia.” E o encarregado da estação de correios continuou a maltratar Domingo, enquanto preenchia o impresso para o vale postal. Domingo permaneceu em silêncio. Tendo completado o preenchimento do formulário para o vale, o encarregado do correio devolveu-o com brutalidade ao colportor e fechou a janela do balcão com um estrondo, deixando o atônito Domingo com o recibo do vale postal e com os 100 Bolívars nas

O MAIS DIFÍCIL DOS DEVERES CRISTÃOS

mãos. Quando Domingo tentou chamar a atenção do encarregado da estação para lhe dar o dinheiro, aquele ordenou-lhe que se calasse e saísse imediatamente.

No pôr do Sol de sexta-feira, Domingo orou a Deus, pedindo sabedoria para fazer o que fosse correto. O colportor decidiu que iria entregar os 100 bolívars no correio, apesar da atitude agressiva e ofensiva do encarregado. Mas, dado que no dia seguinte era Sábado e dado que no domingo os correios estavam encerrados, ele teria que esperar até segunda-feira. Entretanto, no Sábado, o auditor do governo veio verificar as contas do posto dos correios e descobriu que faltavam 100 bolívars. Ao ser informado de que era responsável pelo desaparecimento de 100 bolívars e de que certamente seria penalizado pela administração central dos correios, o encarregado sentiu-se mal





e foi levado para o hospital. Quando Domingo soube da situação, na segunda-feira, foi ao hospital e explicou ao surpreendido encarregado dos correios o que tinha acontecido, tendo-lhe entregue os 100 bolívares. O homem ficou tão impressionado com a honestidade e a benevolência de Domingo para com alguém que tanto o ofendera que o convidou a explicar-lhe as crenças Adventistas. Nasceu, assim, entre ambos uma forte amizade.

Ao agir desta forma, Domingo Ramos pôs em prática o ensino de Jesus sobre o dever de amarmos mesmo os nossos inimigos. Este ensino de Cristo, apresentado no Seu famoso Sermão da Montanha, tem suscitado as mais díspares reações entre os leitores do Evangelho de Mateus. Desde a rejeição absoluta até à mais perfeita incompreensão, ninguém permanece indiferente diante do dever que Cristo nos apresenta. Assim, gostaria de meditar um pouco consigo sobre a perícopie de Mateus 5:43-48, em que Jesus indica o dever de se amar o inimigo.

A antítese

O texto de Mateus 5:43-48 apresenta-se sob a forma de uma antítese. Uma antítese é uma oposição estabelecida entre duas afirmações contraditórias. Neste caso, entre o ensino tradicional dos rabinos e o novo ensino proposto por Jesus. Esta antítese sobre o amor devido aos inimigos é a sexta de seis antíteses que Jesus enunciou no Seu Sermão da Montanha. Ela é mais uma ilustração do contraste entre o ensino pleno de autoridade do Messias e o ensino limitado dos escribas e dos rabinos, mostrando como Jesus leva a Lei à perfeição. De facto, Jesus exige aqui dos Seus discípulos uma justiça superior à dos rabinos judeus quanto ao tratamento dos inimigos.

Na Sua antítese, Jesus começa por expor a tese que vai discutir: “Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo!” O mandamento de amar o próximo indicado por Jesus – “Amarás o teu próximo” – é uma citação de Levítico 19:18. Ora, o contexto imediato desta passagem implica que o “próximo” do Israelita seria o seu compatriota e era precisamente assim que os rabinos judeus interpretavam usualmente a identidade do “próximo” indicado pelo mandamento de Levítico 19:18. Deste modo, estava aberta a porta para a inferência de que o Gentio “inimigo” – que não era certamente o “próximo” Israelita – podia ser odiado.

No entanto, convém notar que o mandamento de odiar o inimigo mencionado por Jesus não se encontra em qualquer texto da Lei de Moisés ou do Antigo Testamento em geral. Não existe no Antigo Testamento um mandamento para se odiar o inimigo. É verdade que a Lei de Moisés estabelecia uma distinção clara entre Israelitas e Gentios, mas esta distinção não implicava a existência de um mandamento para o Israelita odiar os seus inimigos Gentios. Entretanto, no Judaísmo que tinha surgido após o regresso dos Judeus do Exílio babilónico era estabelecida uma distinção marcada entre o comportamento a ter para com um Judeu e o comportamento a ter para com um Gentio, sobretudo se esse Gentio fosse um inimigo do povo de Deus. Assim, indo ainda mais além, entre os rabinos fariseus e saduceus do tempo de Jesus havia quem inferisse a permissão para o Judeu odiar os inimigos do povo de Deus e os inimigos de Deus a partir de passagens como Deuterónimo 23:3-6, Salmo 139:21 e 22 e Salmo 26:5. Também os mestres da comunidade essénia – de onde procederam os famosos manuscritos

tos de *Qumran* – tinham explicitamente ordenado que o judeu essênio deveria “odiar todos os filhos das trevas” (1QS 1:9-11; cf. 1QS 1:4, 9:21-22 e 10:19-20).

Assim, Jesus refere-Se ao mandamento para odiar os inimigos na medida em que este era inferido por alguns rabinos a partir de certos textos bíblicos mal compreendidos. É contra este mandamento do ódio que Jesus estabelece a Sua antítese.

A tese de Jesus

Jesus apresenta então a Sua tese contra a tese dos rabinos que enunciara primeiramente. Ele afirma: “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mateus 5:44). Esta tese de Jesus é fundada na Sua autoridade como Messias. Cristo ensina que os Seus discípulos devem amar aqueles que são seus inimigos da mesma forma que amam os seus amigos. Este amor que deve ser mostrado ao inimigo envolve um interesse ativo por ele, pois o discípulo é ensinado a orar pelo seu inimigo. Note-se que este inimigo do discípulo é o seu perseguidor. Repare-se também que esta inimizade não existe da parte do discípulo, mas sim da parte do seu oponente. Não é o discípulo que é inimigo do seu oponente, mas é o oponente que é inimigo do discípulo. O discípulo tem inimigos, não por ser inimigo de alguém, mas porque outros são injustamente inimigos dele.

A ordem de Jesus para se amar o inimigo implica que o discípulo deve amar aquele que é seu inimigo da mesma forma que ama o seu próximo. Assim, o inimigo deve ser considerado como sendo igualmente o “próximo” do discípulo de Jesus. Deste modo, o inimigo fica incluído no mandamento de amar o “próximo” que é obrigatório para o crente. Na verdade, o amor pelo

inimigo representa o ponto mais alto atingido pelo mandamento do amor ao próximo, tal como é interpretado por Jesus. Cristo convida os Seus discípulos a superarem a tendência humana natural para amar somente aqueles que demonstram interesse e afeição por eles. O amor do discípulo deve alcançar mesmo aqueles que não o amam e até aqueles que o procuram prejudicar.

Este amor para com os inimigos não é simples emoção ou sentimento. Revela-se numa atitude benevolente traduzida por ações concretas: “orar” pelos perseguidores, “saudar” os que não são nossos irmãos de nacionalidade e de fé, isto é, desejar-lhes “paz”. Assim, para Jesus, “amar” o inimigo significa ter para com ele uma atitude de benevolência ativa que procura beneficiá-lo.

Este ensino de Jesus é totalmente original. As tradições rabínicas do Seu tempo reunidas na *Mishnah* e no *Talmud* apontavam ao crente judeu a necessidade de ter paciência quando injuriado, de tratar com benevolência os outros de modo a ser também tratado com benevolência pelos outros, mas nada diziam sobre o dever de amar os próprios inimigos. Jamais antes de Jesus se exprimiu o preceito de “amar o inimigo” de maneira tão absoluta. Jesus pode ter-Se inspirado em algumas passagens do Antigo Testamento que esboçam o dever de amar mesmo o inimigo – como Êxodo 23:4 e 5; Provérbios 25:21 e 22; Salmos 7:4 e 5; 35:12-14 – ou que, pelo menos, afirmam o dever de não odiar o inimigo – como Job 31:29 e 30; Provérbios 17:5; 24:29. Inspirado nestes textos, Jesus foi o primeiro mestre a ensinar claramente os seres humanos de que devem amar também até os seus inimigos.

É interessante ver que Jesus apresenta como razão que justifi-

ca o dever de amar os inimigos o comportamento do próprio Deus. Deus é imparcial no Seu amor para com bons e maus, justos e injustos, ao conferir igualmente a todos as Suas bênçãos. Note-se que os maus e os injustos são inimigos pessoais de Deus, pois rejeitam os divinos padrões morais. Assim, ao abençoar estes com a luz do Sol e a chuva fertilizante, Deus está, de facto, a mostrar o Seu amor por aqueles que são Seus inimigos. Desta forma, segundo Jesus, se os Cristãos querem ser verdadeiros filhos de Deus, devem proceder para com aqueles que lhes têm inimizade da mesma forma que Deus procede para com os Seus inimigos: abençoando-os e fazendo-lhes bem. Pois os verdadeiros filhos de Deus são aqueles que são semelhantes em caráter ao seu Pai. Comportando-se de modo semelhante a Deus, os discípulos de Jesus tornar-se-ão verdadeiros filhos de Deus. Eles tornarão assim verdadeira a afirmação de Deuterónimoio 14:1: “Filhos sois do Senhor, vosso Deus.”

Os cobradores de impostos e os Gentios

Jesus faz então notar que, se amarmos apenas aqueles que nos amam, não somos melhores do que os cobradores de impostos, pois estes também amam aqueles que os amam (Mateus 5:46). Os “cobradores de impostos” eram os Judeus ao serviço dos publicanos romanos, que recolhiam os impostos e as taxas exigidos pelo governo de Roma. Eles eram profundamente desprezados pelos Judeus piedosos e patriotas, como revelam os escritos rabínicos. De facto, eles eram notados pela sua desonestidade e eram acusados de colaborar com as forças de ocupação romanas que então dominavam a Judeia. Assim, os “cobradores de impostos” constituíam uma clas-

se desprezível de Judeus, sem nenhum respeito pelos princípios da religião judaica. Eles eram os pecadores por excelência no seio do povo judeu.

Jesus também afirma que, se saudarmos apenas aqueles que são nossos “irmãos”, não somos melhores do que os “Gentios”, pois os Gentios também saúdam os seus irmãos (Mateus 5:47). Os “Gentios” eram os indivíduos que não pertenciam ao povo judeu; eram os membros dos povos pagãos vizinhos. É preciso termos presente que, na saudação, os Judeus desejavam à pessoa que saudavam a paz de Deus para a sua vida. Portanto, ao indicar que devemos saudar mesmo aqueles que não são nossos “irmãos” de fé e de nação, Jesus ensina que a bênção divina deve ser invocada sobre todos os homens, independentemente de qualquer distinção de raça ou de religião, e não apenas sobre os “irmãos”, isto é, os Judeus adoradores do Deus

verdadeiro. O discípulo não deve ser gentil e cortês apenas para com os seus amigos e “irmãos” de fé e de nação.

Portanto, segundo Jesus, se um homem ama somente aqueles que o amam e saúda – desejando a paz – apenas aqueles que o saúdam, nada faz de especial e não merece receber uma recompensa de Deus. Situa-se ao mesmo nível dos pecaminosos coletores de impostos e dos Gentios pagãos. Assim, está ainda longe do ideal de Deus para o verdadeiro crente.

O ideal de Deus para o crente

Jesus conclui o Seu ensino sobre o dever de amar o inimigo afirmando que, se seguirmos e aplicarmos esse mandamento, seremos perfeitos como Deus é perfeito. A ideia de “perfeição” no Antigo Testamento significa ser-se moralmente maduro diante de Deus, isto é, ser-se isento de defeitos morais aos olhos de Deus. Jesus utiliza

o futuro gramatical – “sereis perfeitos” – para indicar que o resultado necessário da aplicação do mandamento do amor ao inimigo é a perfeição moral. Mas é preciso também ter presente que o tempo verbal futuro – em Hebraico e Aramaico, como também em Português – pode expressar uma ordem. Neste caso, Jesus está a ordenar aos Seus discípulos o dever de serem moralmente perfeitos como o próprio Deus. Esta perfeição do discípulo traduz-se em amar o próprio inimigo como Deus também ama os Seus inimigos. O amor do discípulo deve ser indiscriminado, como o amor do próprio Deus. Ao requerer a perfeição moral dos Seus discípulos, Jesus está assim a aplicar o mandamento de Deuteronomio 18:13, que ordena ao Israelita: “Perfeito serás, como o Senhor, teu Deus.”

Jesus coloca, assim, o ideal moral do Cristão no mais elevado ápice, ao indicar como matriz des-





se ideal a própria perfeição moral divina. Este ideal aponta para uma progressão moral contínua do discípulo. O discípulo de Jesus é chamado a crescer moralmente até atingir a plenitude da sua potencialidade espiritual e moral. Portanto, é progressivamente que ele imita a perfeição de Deus. Mas, ao fazê-lo, torna-se verdadeiramente filho de Deus, o seu Pai celeste. Assim, a filiação divina do crente revela-se pela sua maneira de ser e de agir com amor em relação ao seu próximo e, em especial, ao seu próximo que é também o seu inimigo. A “perfeição” moral do discípulo de Jesus revela-se no seu perfeito amor, que imita o perfeito amor de um Deus moralmente perfeito. Pois, dado que, na Sua essência, “Deus é Amor” (I João 4:8, 16), a “perfeição” essencial de Deus revela-se precisamente no Seu amor perfeito pelas criaturas. Assim, a criatura feita à imagem de Deus, que tem como fim a perfeição, deve amar como Deus ama. Amar como Deus ama é atingir a perfeição moral. Ora, para Jesus, este deve ser

o nosso objetivo enquanto Seus discípulos.

O poder do amor

Durante a revolução dos Estados Unidos da América, o político americano Peter Miller desenvolveu uma grande amizade com o general George Washington. Mas Peter Miller não tinha só amigos. Michael Wittman, um outro político, era seu inimigo jurado e deliciava-se em contrariar e humilhar Miller sempre que podia. Um dia, quando George Washington já era Presidente dos Estados Unidos, Michael Wittman cometeu um delito, foi preso e condenado à pena de morte. Quando soube do sucedido, Peter Miller viajou 120 quilômetros até à capital da nação para pedir ao seu amigo George Washington que, como Presidente, comutasse a pena de morte de Michael Wittman. “Não”, disse Washington a Miller, “não posso perdoar o seu amigo Wittman”. “Meu amigo?!”, exclamou Miller. “Mas ele é o meu pior inimigo!” “Então”, perguntou Washington, “você viajou 120 qui-

lômetros para me implorar pela vida de um inimigo seu?”. “Sim”, foi a resposta de Miller. O Presidente George Washington ficou tão impressionado com o gesto de Miller que concedeu o perdão presidencial ao condenado Michael Wittman. Nesse dia Miller levou Wittman para sua casa e desde essa data não mais houve inimizade entre eles.

Jesus não se limitou a ensinar que devemos amar os nossos inimigos. Ele deixou-nos o exemplo. Estando já pendendo da cruz, em plena agonia, Ele orou a Deus para que Este perdoasse aqueles que O tinham condenado e pregado no madeiro (Lucas 23:34). Jesus pede-nos que sigamos o seu exemplo. Se queremos ser moralmente perfeitos, como Deus é perfeito, devemos imitar o exemplo divino deixado por Cristo. Aceite hoje o desafio que Jesus lhe lança e será verdadeiramente um filho de Deus! ♦

• **Paulo Lima**

Redator da Revista Adventista

Nasce uma ESTRELA



É possível que já tenhas ouvido a história do rei Christian X da Dinamarca. Durante a Segunda Guerra Mundial, quando os Alemães ocuparam a Dinamarca, ordenaram que todos os Judeus deveriam usar uma braçadeira amarela. Mas o rei disse que todos os Dinamarqueses eram iguais. Ele pediu ao leal povo dinamarquês que usasse braçadeiras amarelas e ele mesmo passou a usar uma no seu passeio matinal a cavalo por Copenhaga, para demonstrar a sua oposição ao mal. Quando os Alemães viram toda a população da Dinamarca usar braçadeiras, inspirada pelo seu corajoso líder, decidiram não implementar o uso de braçadeiras para os Judeus.

Esta é uma bela história, mas não é verdadeira. É uma lenda urbana. Há várias versões da mesma história, mas nenhuma delas pode ser comprovada. De facto, exceto uns poucos judeus dinamarqueses que foram realmente deportados, a nenhum foi exigido que usasse a estrela amarela. Mas o que de facto aconteceu na Dinamarca é verdadeiramente inspirador.

A 9 de abril de 1940, tropas alemãs invadiram o país e fizeram uma proposta à Dinamarca. Se o país não oferecesse resistência, a Alemanha respeitaria a independência política da Dinamarca. Não tendo outras opções, os Dinamarqueses concordaram e assim começou uma ocupação que duraria cinco anos. Mas, embora não tivesse usado a estrela amarela, nem tivesse pedido aos seus súbditos que a usassem, o rei Christian X tornou-se conhecido como o protetor dos Judeus. Várias histórias relatam o modo como desprezou Hitler e os Nazis. Ele fazia questão de passear pelas ruas de Copenhaga no seu cavalo, desarmado e sem escolta, para afirmar publicamente a soberania nacional do seu reino. Rejeitou muitos aspetos da ocupação e fez discursos contra a Alemanha.

Tendo-se tornado a resistência dos Dinamarqueses mais audaz, Hitler exigiu que o governo dinamarquês declarasse o estado de emergência. Quando o governo se recusou a fazê-lo e se demitiu, o comandante das forças de ocupação alemãs impôs a lei marcial. A prisão e a deportação dos judeus dinamarqueses foi

finalmente ordenada a 2 de outubro de 1943. Mas, sem o conhecimento da Alemanha, o governo dinamarquês avisou os Judeus para que se escondessem e conduziu negociações secretas com a Suécia para que este país os acolhesse. Apenas 450 dos 8000 Judeus da Dinamarca foram presos e enviados para o campo de concentração de Theresienstadt, na Checoslováquia. Destes, cerca de 90% conseguiram regressar com vida à Dinamarca após o fim da guerra.

Milhares de judeus dinamarqueses sobreviveram ao Holocausto por causa da bravura e da coragem, não apenas dos seus governantes, mas também dos Dinamarqueses em geral. A emocionante história sobre o rei Christian X ter usado uma braçadeira em oposição não violenta ao mal pode não ser verdadeira, mas a coragem do povo dinamarquês demonstrada na sua oposição aos Nazis, arriscando a vida para esconder os seus vizinhos Judeus e para os ajudar a escapar da perseguição Nazi, é igualmente inspiradora. ▲

Retirado da revista Guide

VIAGEM AO Lago Titicaca

ERA O SÁBADO
REALMENTE A
MELHOR ALTURA
PARA FAZEREM
UMA VISITA?

Chamava-se Hotel do Caminho-de-Ferro. Não o achávamos acolhedor, mas parecia ser o único hotel da cidade. A cidade era Puno, no Peru, nas margens do Lago Titicaca. Tínhamos vindo de La Paz, na Bolívia, de autocarro, barco e de comboio; e o Hotel do Caminho-de-Ferro ficava ao lado da estação ferroviária. Não aprendemos muito sobre a sua qualidade; apenas descarregámos os nossos sacos de viagem e olhámos ao redor. Havia um telefone público no átrio; eu encontrei o nome “Adventista” na lista telefónica e pedi emprestada uma moeda na receção.

Estávamos no fim da tarde de sexta-feira e éramos missionários vindos de África que se dirigiam para a Califórnia, para passar as férias. Eu tinha ouvido falar de Puno há mais de meio século, da boca de Fernando Stahl, numa convenção em Lodi. Julgo que foi ele que direcionou a minha jovem mente para o serviço missionário. Tinha aprendido sobre o Lago Titicaca com Stahl. Aprendera que estava situado a 3800 metros acima do nível do mar, no coração dos Andes, sendo o lago que se localizava a maior altitude em todo o mundo, com grandes navios e ilhas flutuantes. Ilhas flutuantes?

O nosso serviço missionário tinha-nos levado à Ásia e, depois, à África, mas eu queria ver de perto essas ilhas flutuantes.

Parte da família

A minha chamada foi atendida por uma agradável voz, que mudou do Espanhol para o Inglês quando ouviu a minha voz. A Senhora Muñoz era de Los Angeles. Ela quis saber onde estávamos. “Estão no Hotel do Caminho-de-Ferro? Não se hospedem nele. Eu estou apenas a um quarteirão de distância. Vou já para aí”, disse. Ela levou-nos para o seu apartamento, situado por cima do escritório da Missão, transportando o empregado do Hotel os nossos sacos de viagem.

Ela e a minha mulher fizeram imediatamente amizade; as mulheres missionárias compreendem-se perfeitamente. Jantámos e conversámos. Mas eu estava a pensar em Fernando Stahl.

A Senhora Muñoz leu-me a

mente. “Gostariam de adorar com os crentes *Aymara* numa ilha de juncos flutuando no lago?”, perguntou ela.

Na manhã seguinte, ela encontrou um barco e partimos através de um campo de juncos, envolvidos numa nuvem de fumo de diesel. A grande baía era pouco profunda, talvez com três metros de profundidade, marcada por uma floresta de juncos que cresciam a partir do fundo e cujas pontas ondulavam ao vento por cima da água.

Ainda não podíamos ver ilhas, nem as veríamos por mais de uma hora. O nosso piloto seguia vias que cruzavam a água entre os juncos, e realmente havia ilhas, uma delas com uma escola e uma igreja Adventistas. Acostámos a um molhe de juncos situado entre casas feitas também de juncos.

Os aldeões tinham-se reunido no edifício da escola. Estávamos atrasados, a Escola Sabatina já tinha começado. Eles arranjaram espaço para nós nos bancos. As pessoas mais velhas sentavam-se no chão, pois diziam que os bancos não eram confortáveis para elas. O dinamizador, David, estava a conduzir o estudo da Lição, metade em Espanhol e metade em *Aymara*. A Senhora Muñoz apresentou-nos e começou a traduzir baixinho para nós, enquanto David continuava a expor a Lição.

Uma interrupção ou uma oportunidade?

Ouvimos, então, um barco, que soava como o nosso barco. Mas não estava cheio de missionários seguindo as pisadas de Fernando Stahl ou de crentes vindos de outra ilha. Os seus ocupantes eram turistas, disse a Senhora Muñoz. As ilhas flutuantes são, claro está, uma atração. Mas ao Sábado de manhã, numa ilha Adventista? O barco aproximou-se, com o seu barulhento motor a diesel. David levantou o tom de voz para conseguir ser ouvido acima do barulho. A não ser pelo barulho, ninguém prestou mais atenção ao barco. Isto é, ninguém exceto eu.

Não havia mais nada nesta ilha senão a escola e os lares de pessoas Adventistas, as quais estavam todas na igreja. O que poderiam os turistas estar a fazer aqui no dia de Sábado? O motor silenciou-se e ouviram-se vozes – vozes num tom alto e excitado. “Não podemos permitir que eles nos perturbem desta maneira”, murmurei, levantando-me para sair da igreja e encaminhar os

turistas e o seu barco para outra ilha. “Se mais ninguém resolver esta situação, eu resolvo-a.”

Mas eu apenas me soergui, pois a minha mulher pegou-me pela manga da camisa e disse: “Nós também somos apenas visitas aqui.” “Mas eles vão interromper a reunião”, disse eu. “David resolverá a situação”, respondeu ela.

Por esta altura, os turistas começavam a entrar pela porta, que o seu guia tinha aberto completamente. Contei dezoito Italianos, com personalidades que enchiam a sala. David depôs cuidadosamente a sua Bíblia e o seu trimensário no púlpito ao seu lado. O seu sorriso era genuinamente acolhedor. O volume das vozes italianas decresceu. David falou com eles. Não em língua indígena, mas num cuidadoso Espanhol, que os ouvidos italianos podiam compreender. Mais membros de igreja sentaram-se no chão, de modo a que os visitantes pudessem sentar-se nos bancos.

David começou o que parecia ser um discurso preparado. “Há

mil anos, os nossos antepassados, pessoas pacíficas, viviam em terra firme”, traduziu a Senhora Muñoz. “Quando uma tribo mais agressiva ameaçou fazer-nos guerra, o nosso povo, que conhecia os meandros das águas, partiu em canoas em direção às suas pequenas estações de pesca, feitas de molhos de juncos que flutuavam longe da costa. Com as suas famílias e pertences, eles refugiaram-se nessas ilhas artificiais. ‘Os nossos inimigos nunca serão capazes de nos seguir até aqui’, disseram eles. Quando poderosos estrangeiros se apoderaram da nossa terra, o meu povo ficou no lago. Eles ampliaram as ilhas, construíram casas com os juncos, recolheram da margem terra para os seus jardins. Também começaram a criar galinhas e cabras. Aprenderam a comer os tenros juncos do lago; as suas cabras comiam o resto. Aqui nasceram os seus filhos e os filhos dos seus filhos, durante gerações.”

Os turistas ouviam com profunda atenção. Parecia que a voz de David tinha diminuído de in-





tensidade. “Então chegaram os Espanhóis, trazendo um novo governo e uma nova religião, cujas formalidades o meu povo aceitou e seguiu por muito tempo. A independência acabou, por fim, por trazer mais mudanças aos nossos costumes e uma maior liberdade. O mais importante foi a vinda de um homem dos Estados Unidos da América, um missionário, um Adventista do Sétimo Dia, com uma mensagem que mudou a nossa vida para sempre. Ele ensinou-nos que Jesus irá voltar em breve.”

Aqui, David pegou na sua Bíblia, que estava no púlpito, e apresentou vários textos apropriados, lendo cuidadosamente em Espanhol. “O nome deste homem era Fernando Stahl. Ele ensinou-nos que o sétimo dia da semana é o Sábado do Senhor, consagrado no fim da semana da Criação, observado por Jesus e ainda hoje santo. Assim, chamamo-nos Adventistas do Sétimo Dia. Por isso estamos a adorar aqui hoje.” Pegando de novo na sua Bíblia, David leu novamente alguns textos adequados.

Desempenho com autoridade

Gradualmente apercebi-me de que David estava a pregar um sermão evangelístico perante a sua audiência constituída por turistas. Ele não estava a mandá-los embora; ele considerava-os como candidatos ao Reino de Deus e não perderia esta oportunidade de partilhar a sua fé com eles. De modo breve, mas convincente, aflorou outras doutrinas, nomeadamente o estilo de vida cristão e a disseminação da Palavra por todo o mundo, incluindo a Itália.

“Isto não é apenas um edifício de igreja”, disse ele, “isto é uma escola”. E ergueu a mão, indicando um lema escrito na parede, por cima da sua cabeça: “Os filhos de Deus na escola de Deus.” A mensagem que se seguiu sobre a educação cristã foi das melhores que já ouvi. Ele apontou para os desenhos das crianças pregados às paredes e para os seus projetos escolares expostos na mesa. Então, perguntou se havia questões. E havia: perguntas ponderadas, apresentadas num Italiano cuidadoso. E boas respostas.

Finalmente, os turistas levantaram-se para partir, mas não antes de chamarem dois estudantes para que se colocassem à porta com cestos nas mãos. À medida que os turistas saíam, encheram os cestos com dádivas generosas para o Senhor, para a Sua Igreja e para a Sua escola. Agora estavam num estado de ânimo calmo, até reverente.

Eu quase chorei, comovido com aquilo que vi. E pensar que eu os teria mandado embora!

Depois de os Italianos terem partido, David retomou o seu trimensário sem mais uma palavra e acabou de ensinar a Lição da Escola Sabatina. Pediram-me que pregasse no culto que se seguiu. Pregar depois do que tinha acabado de ver!? Bem, eu tentei.

No fim do serviço de culto, David orou na língua *Aymara*. Interrogo-me sobre o que ele terá dito. Talvez algo como: “Não impeçais que os turistas venham a Mim, pois dos tais é o Reino dos Céus.”

• Elton Wallace
Missionário

Tão culpado como o pecado

No ano passado, diante de estudantes de uma Faculdade secular na Califórnia, falei um pouco acerca da existência de Deus. Usei os típicos argumentos cosmológico, teleológico e moral, evitando qualquer dogmatismo, mas tentando, simplesmente, mostrar por que motivo a lógica e a razão favoreciam a conclusão de que Deus existia.

Depois, mudando de registo, disse: “Sabem, quando eu tinha mais ou menos a idade da maioria de vós, e não cria em Deus, quando algo me convencia, de vez em quando, de que talvez Deus existisse efetivamente, expulsava sempre essa noção da minha mente. Porquê? Porque algo me dizia que, se, de facto, Deus existisse, então – tendo em consideração o modo como estava a viver – estava metido num grande sarilho.”

O ambiente mudou instantaneamente. Dúzias de consciências, em sincronia, começaram a aguçarem-se a si mesmas. Era quase como se a temperatura na sala tivesse subido em consequência da fricção escondida por detrás de todas estas caras subitamente desconfortáveis.

A reação deles recordou-me de uma citação de Thomas Nagel, no seu livro *The Last Word*: “Eu quero que o ateísmo seja verdade e fico incomodado pelo facto de algumas das pessoas mais inteligentes e bem informadas que conheço serem crentes religiosos. Não se trata apenas do facto de que eu não creio em Deus e, naturalmente,

espero estar correto na minha descrença. Trata-se de que não quero que haja um Deus; não quero que o Universo seja assim.”

E porque não? Provavelmente pela mesma razão porque os estudantes que mencionei e eu não queríamos; porque Deus vem, automaticamente, com implicações morais. Se Deus existe, então há um poder moral transcendente perante quem teremos, provavelmente, de responder – uma perspectiva aterradora para aqueles que, mesmo sem um conhecimento consciente da Lei de Deus, sentem que não estão a viver de modo correto. Como escreveu Paulo acerca destas pessoas: “Porque as coisas invisíveis [de Deus], desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem e claramente se veem, pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis” (Rom. 1:20).

Ora, eis onde quero chegar. Como crente, debato-me com o hiato entre o que sou e o que eu sei que deveria ser. A minha consciência moral, muito mais sensível ao que é justo e injusto, ainda me pode incomodar. E, mais importante ainda, a minha reação inicial é fugir de Deus (já que não consigo negar a Sua existência). Por outras palavras, em princípio acontece-me agora a mesma coisa que me acontecia há décadas, algo que também aconteceu com os estudantes que mencionei – o sentimento de culpa.

Mas há uma diferença crucial. Agora, em vez de fugir de Deus ou

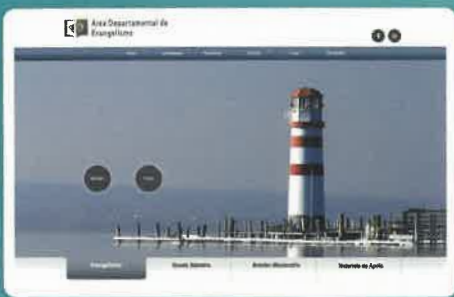
de negar a Sua existência, tenho a Cruz. Já não tenho que me esconder, como fizeram Adão e Eva, “entre as árvores do jardim” (Gén. 3:8). Em vez disso, posso refugiar-me na justiça de Cristo, que me é oferecida pela fé “sem as obras da lei” (Rom. 3:28). Quando, às vezes, sinto, como sentiu Paulo, que sou “o pior” dos pecadores (I Tim. 1:15), a minha única esperança é reclamar a promessa de que “agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito. Porque a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte” (Rom. 8:1 e 2).

Nenhuma condenação? É isto assim porque sou inocente, puro e santo e porque guardo a Lei tão bem que já não caio sob a sua condenação? (*Pois, pois...!*) Não! É porque estou coberto pela justiça de Jesus, a única justiça suficientemente boa para me livrar do sentimento de culpa, de tal modo que já não queira esconder-me com vergonha de tudo aquilo que deveria ser e não sou.

Cada um de nós, crente ou ateu, é tão culpado como o pecado. E nós sabemos que é assim. Nós conhecemos o que é uma consciência culpada quando ela ferve lentamente dentro de nós. No entanto, para o crente em Jesus, esse sentimento de culpa deveria levar-nos até Ele, aos pés da Cruz, onde podemos prostrar-nos diante do nosso Deus crucificado e reclamar a Sua graça como nossa única esperança. De outro modo, o que nos resta? Teríamos que esconder-nos de Deus porque – tendo já conhecido a Sua bondade – é tarde de mais para nos fazermos sentir melhor tentando negar a Sua existência. †

• **Clifford Goldstein**

Editor do Manual de Estudo da Escola Sabatina



Veja estes e outros recursos que a sua Igreja lhe oferece!



Departamentos

Juventude

www.adventistas.org.pt



A SUA **IGREJA**
NA INTERNET

Instituições



Comunicação

